

# 3

**MATERIAL DO  
PROFESSOR**

- **Produção  
de texto**

**LINGUAGENS, CÓDIGOS  
E SUAS TECNOLOGIAS**



**DOM  
BOSCO**  
by Pearson

PRÉ-VESTIBULAR  
**EXTENSIVO**



**MATERIAL DO  
PROFESSOR**

- **Produção  
de texto**

**LINGUAGENS, CÓDIGOS  
E SUAS TECNOLOGIAS**

DOM BOSCO – SISTEMA DE ENSINO  
PRÉ-VESTIBULAR 3  
Linguagens, códigos e suas tecnologias.  
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

<b>Vice-presidência de Educação</b>	Juliano Melo Costa
<b>Gerência editorial nacional</b>	Alexandre Mattioli
<b>Gerência de produto</b>	Silvana Afonso
<b>Autoria</b>	Flávia Carvalho
<b>Coordenação editorial</b>	Luiz Molina Luz
<b>Edição de conteúdo</b>	Éverton Silva
<b>Assistência de edição</b>	Diogo Souza
<b>Leitura crítica</b>	Antônio Góes Neto
<b>Preparação</b>	Sérgio Nascimento
<b>Revisão</b>	Luzia Rodrigues
<b>Gerência de Design</b>	Cleber Figueira Carvalho
<b>Coordenação de Design</b>	Diogo Mecabo
<b>Edição de arte</b>	Débora Lima
<b>Coordenação de pesquisa e licenciamento</b>	Maiti Salla
<b>Pesquisa e licenciamento</b>	Cristiane Gameiro, Heraldo Colon, Andrea Bolanho, Sandra Sebastião, Shirlei Sebastião
<b>Ilustrações</b>	Carla Viana
<b>Projeto Gráfico</b>	Apis design integrado
<b>Diagramação</b>	Editorial 5
<b>Capa</b>	Apis design integrado
<b>Imagem de capa</b>	inoby/istock
<b>Produtor multimídia</b>	Cristian Neil Zaramella
<b>PCP</b>	George Baldim, Paulo Campos

Todos os direitos desta publicação reservados à  
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina. 1193 - Água Branca  
São Paulo, SP – CEP 05036-001  
Tel. (11) 4210-4450

[www.pearson.com.br](http://www.pearson.com.br)



## APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.

O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Extensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.



MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



MATERIAL DE EXERCÍCIOS  
SISTEMA DE EMBOSCO

# PRODUÇÃO DE TEXTO

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS



# RELAÇÃO DE IDEIAS

## Textualidade

- Textualidade
- Fatores para a textualidade
- Fatores linguísticos
- Coesão
- Coerência
- Fatores extralinguísticos

### HABILIDADES

- Compreender o conceito de coesão e de coerência textual.
- Diferenciar coesão e coerência textual.
- Identificar os mecanismos da coerência e da coesão.
- Projetar um texto com estruturas coesas e coerentes.
- Analisar textos e reconhecer as estruturas de ideias.

LIGHTWISE/123RF.COM



A textualidade permite que as mensagens não sejam apenas seqüências de frases aleatórias justapostas.

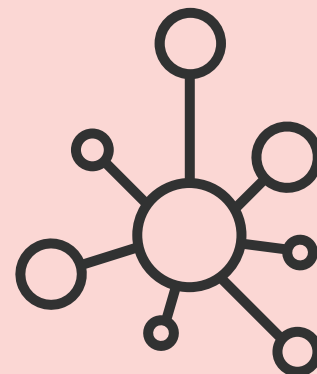
Ao escrever um texto, pensamos em seu objetivo final, que é transmitir uma mensagem a um interlocutor. Para que um texto corresponda a esse propósito, ele deve apresentar textualidade: um conjunto de características que fazem que as mensagens não sejam apenas seqüências de frases aleatórias justapostas, mas um texto.

### FATORES PARA A TEXTUALIDADE

Há fatores linguísticos e extralinguísticos que são preponderantes para a textualidade.

#### Fatores linguísticos

Os fatores linguísticos determinantes para a textualidade são a coerência e a coesão.



SERHII BROVOKO/ISTOCK

A textualidade pode ser construída tanto com fatores linguísticos quanto com fatores extralinguísticos.



## COESÃO

Responsável pela estruturação linguística do texto, representa as relações lógico-semânticas, conexões que ligam elementos no texto (palavras, orações, períodos, parágrafos), demonstrando como o discurso é construído de acordo com a gramática e o léxico.

A coesão é o fenômeno pelo qual a clareza das ideias ou a lógica de um texto torna-se acessível ao leitor a partir do material linguístico, isto é, o léxico e os recursos de organização de frases e períodos na língua.

São mecanismos da coesão textual:

### Coesão referencial

É muito comum substituímos um referente por outra palavra para evitar repetições em um texto. Essa referência pode ser tanto depois do termo referido (anáfora) quanto antes (catáfora). Nos exemplos a seguir, pronomes são utilizados para fazer esse papel:

**Anáfora:** Marina e Bruna são engenheiras. Elas se formaram em Salvador.

**Catáfora:** Este é o maior problema de sua vida: a insegurança.

### Coesão lexical

A escolha do léxico é imprescindível para um texto coeso, com progressão de ideias adequada. Utilizar sinônimos, pronomes, heterônimos ou hipônimos é um bom mecanismo para um texto coeso.

O carro estava pegando fogo. Em poucos momentos os bombeiros apagaram as chamas do veículo.

### Elipse

Na fala, é comum não dizermos o pronome “eu”; na escrita, não é raro deixarmos de escrever um verbo já usado, substituindo-o por uma vírgula.

*Os meios de comunicação perdem audiência; as redes sociais, [perdem] a ética.*

Muitas vezes, para evitar repetições, suprimimos sintagmas inteiros ao responder uma pergunta, por exemplo. Observe que, neste diálogo, dificilmente responderíamos naturalmente com a oração completa:

– Roberto, você vai ao supermercado hoje à noite?  
– Sim!

A oração completa da resposta seria:

– Sim, eu vou ao supermercado hoje à noite.

### Coesão por conexão

A coesão por meio da conjunção estabelece os significados conectando orações.

*O verão é uma estação traiçoeira, porque traz calor e muitas chuvas.*

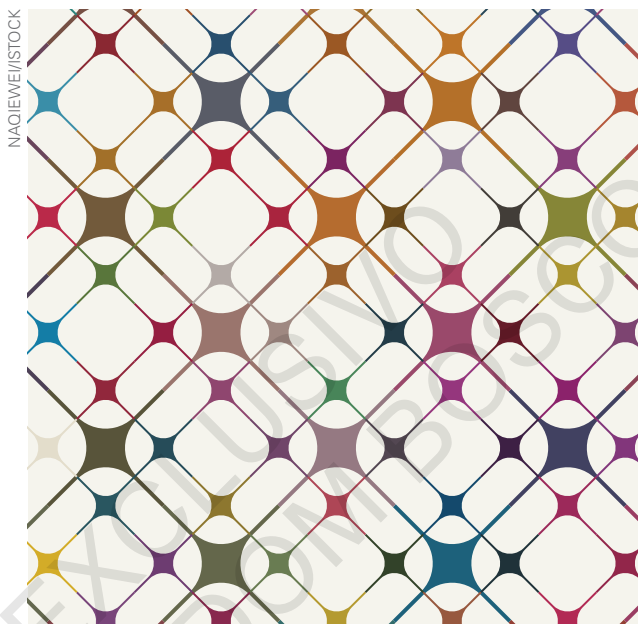
*O ano mal começou, porém já estamos exaustos.*

### Campo semântico

Inserção de vocábulos pertencentes ao mesmo campo de significados.

Aconteceu um acidente terrível na avenida. Diversos profissionais trabalhavam para socorrer os feridos e resgatá-los até o hospital da cidade.

## COERÊNCIA



A coerência pode ser definida como a teia de relações recorrentes, progressivas e não contraditórias em um texto.

Responsável por dar sentido ao texto, a coerência é materializada com a ligação das estruturas com os conceitos e com as ideias que são apresentados nele.

A coerência reforça a estrutura conceitual do texto, como o autor transmite suas ideias, de forma que a mensagem seja recebida e entendida por seu interlocutor de maneira clara. Um texto incoerente pode exibir inadequações como contradições e falta de linearidade ao expor uma ideia, por exemplo.

São mecanismos da coerência textual:

### Repetição ou recorrência

Para que se crie unidade e continuidade, é importante que elementos centrais, como palavras-chave, sejam reiterados ao longo do texto. O uso de sinônimos e hiperônimos é um recurso que auxilia na repetição sem que o texto se torne monótono e negativamente redundante.

### Progressão

Além de retomar elementos centrais do texto, é importante que haja uma espécie de progressão das ideias. A inserção de novas informações complementares, como exemplos, aos elementos já apresentados é um bom recurso.

### Não contradição

Existem princípios lógicos elementares que devem ser respeitados. Não é possível afirmar algo e, no parágrafo seguinte, por exemplo, defender o contrário.

### Relação

Como a palavra sugere, é preciso pensar no estabelecimento de relações lógicas entre as ideias. As partes do texto devem ser relacionadas tanto à estrutura do gênero quanto a seu conteúdo: se a introdução de um texto traz uma tese, os parágrafos de desenvolvimento fornecerão os argumentos para a afirmação inicial; assim como, se problemas são identificados ao longo de uma argumentação, propostas de intervenção no final do texto são esperadas pelo leitor.

## FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS



São considerados fatores extralingüísticos elementos não realizados linguisticamente que compõem o contexto de comunicação.

São considerados fatores extralingüísticos elementos que compõem o contexto de comunicação, mas não são realizados linguisticamente, como contato visual, postura corporal, toques ou ausência de toque, distância entre interlocutores etc.

Dentre esses fatores, ocorrem alguns que contribuem para a textualidade. São eles:

#### **Intencionalidade**

Necessidade de o texto ser produzido de modo compatível com a intenção comunicativa do autor.

#### **Aceitabilidade**

Compatibilidade da expectativa do receptor com o texto.

#### **Informatividade**

Ocorrência ponderada de informações conhecidas e informações novas no texto com compreensão e desenvolvimento da ideia apresentada.

#### **Situacionalidade**

Adequação do texto para a situação comunicativa em que se insere.

#### **Intertextualidade**

Diálogo inevitável entre textos, seja pelo conteúdo (como nas paráfrases), seja na forma (caso das paródias).

## LEITURA COMPLEMENTAR

**Paródia – diálogos entre os textos**

Entre os muitos recursos estéticos e estilísticos que servem à produção do riso tanto na literatura quanto em outras formas de arte, podemos citar os jogos de palavras, a ridicularização, o estereótipo, o grotesco, o burlesco, a obscenidade e a ironia, normalmente combinados entre si em alguma extensão. De acordo com estudos, esses recursos evoluíram durante o Renascimento, até tornarem-se “componentes estilísticas dos gêneros sérios, principalmente o romance”. É nesse contexto que destaca-se a paródia como um gênero peculiar de produção artística que rompe com a vertente da seriedade na literatura.

A paródia contraria dois fundamentos da literatura que tradicionalmente cumpririam a missão estética da realização artística da linguagem. Primeiramente, subverte o objetivo de descrever temas elevados e nobres. A paródia não está presa nem a moldes, nem a convenções artísticas, sociais ou morais. Em segundo lugar, abdica de qualquer pretensão romântica à originalidade da criação. A paródia desenvolve-se no terreno da continuidade, do dialogismo e da subversão:

- **Continuidade** - a criação literária é vista como uma corrente ininterrupta do espírito humano, dentro da qual a paródia pretende inserir-se com a consciência de seu lugar no mundo.
- **Dialogismo** – antes de qualquer coisa, o texto é discurso, e como tal não pode subsistir autonomamente, pois constrói-se a partir da interação com outros discursos preexistentes.
- **Subversão** – a criação paródica resulta da repetição com diferença.

São propostos três modelos para explicar a estrutura da paródia, os quais se fundamentam principalmente nos conceitos de dialogismo e de desvio. Nesses modelos, busca-se demonstrar que um texto fundador pode produzir diferentes tipos de variantes que se distinguem na proporção em que se afastam do texto original: a paródia deforma, a paráfrase conforma e a estilização reforma.

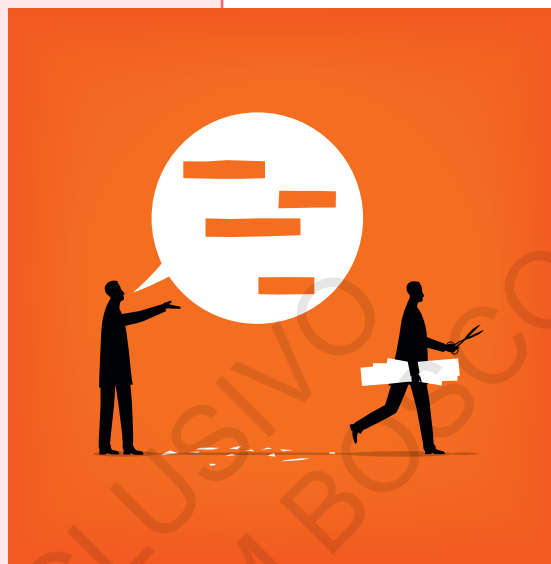
Ao teorizar a respeito da paródia em sua obra *Questões de literatura e de estética*, Mikhail Bakhtin destacou o papel do dialogismo na construção da paródia, a cujo resultado ele chamou “híbrido premeditado”. Com isso, é referida a inseparabilidade da essência da paródia que, ao mesmo tempo que dialoga propositalmente com o texto parodiado, não se confunde com ele. Bakhtin acrescenta que normalmente “os gêneros paródicos não pertencem a aqueles gêneros que eles parodiam”, alimentando-se de gêneros decadentes e de símbolos desgastados pelo uso.

Em *Uma teoria da paródia*, Linda Hutcheon acrescenta novos elementos a essa visão tradicional da paródia. Afastando-se da concepção de paródia como um recurso estilístico que deforma o discurso com o qual dialoga, sugere que o homem ocidental moderno tem a necessidade de afirmar o seu lugar na difusa tradição cultural que o cerca, levando-o a buscar deliberadamente a incorporação do velho ao novo em um processo de desconstrução e reconstrução por meio dos recursos estilísticos encontrados na ironia e da inversão:

A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de “transcontextualização” e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de *ethos* pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial (HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989).

Portanto a paródia não se caracteriza apenas pelo seu potencial de subverter e de ridicularizar. Na modernidade, a paródia tornou-se a própria via predominante da criação artística. A inversão irônica é o seu *modus operandi*, mas a sua essência está na “autorreflexividade”, na busca do distanciamento crítico e do diálogo independente com a obra de arte, seja na literatura ou em qualquer outra forma de expressão artística.

CANO, José Ricardo. O riso sério: um estudo sobre a paródia. *Caderno de Pós-Graduação em Letras* – Mackenzie. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 83-89, 2004. Adaptado.



DANE\_MARKISTOCK

Para pesquisador, a essência da paródia está na “autorreflexividade”, na busca do distanciamento crítico e do diálogo independente com a obra parodiada.



# ROTEIRO DE AULA

## RELAÇÃO DE IDEIAS

### **A textualidade é composta pelos fatores linguísticos e extralinguísticos:**

coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

---

---

### **A coerência textual traz para o texto sua estrutura:**

ideativa, como o autor transmite suas ideias.

---

---

### **São mecanismos da coerência textual:**

repetição ou recorrência, progressão, não contradição e relação.

---

---

### **A coesão textual é responsável pelo:**

acesso do leitor às informações e ideias do texto a partir do uso claro de mecanismos gramaticais e do emprego produtivo

---

do léxico.

---

### **São mecanismos da coesão textual:**

referenciação, substituição lexical, elipse, uso de conjunções, conexão e uso do mesmo campo semântico.

---

---

## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

## 1. Enem

C6-H18

Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

ATALIA, M. Nossa vida. *Época*, 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- a) a expressão “Além disso” marca uma sequenciação de ideias.
- b) o conectivo “mas também” inicia oração que exprime ideia de contraste.
- c) o termo “como”, em “como morte súbita e derrame”, introduz uma generalização.
- d) o termo “Também” exprime uma justificativa.
- e) o termo “fatores” retoma coesivamente “níveis de colesterol e de glicose no sangue”.

A expressão “além disso” serve como conector, dando sequência às ideias expostas no texto.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

## 2. Enem

C6-H18

Há qualquer coisa de especial nisso de botar a cara na janela em crônica de jornal – eu não fazia isso há muitos anos, enquanto me escondia em poesia e ficção. Crônica algumas vezes também é feita, intencionalmente, para provocar. Além do mais, em certos dias mesmo o escritor mais escolado não está lá grande coisa. Tem os que mostram sua cara escrevendo para reclamar: moderna demais, antiquada demais.

Alguns discorrem sobre o assunto, e é gostoso compartilhar ideias. Há os textos que parecem passar despercebidos, outros rendem um montão de recados: “Você escreveu exatamente o que eu sinto”, “Isso é exatamente o que falo com meus pacientes”, “É isso que digo para meus pais”, “Comentei com minha namorada”. Os estímulos são valiosos pra quem nesses tempos andava meio assim: é como me botarem no colo – também eu preciso. Na verdade, nunca fui tão posta no colo por leitores como na janela do jornal.

De modo que está sendo ótima essa brincadeira séria, com alguns textos que iam acabar neste livro, outros espalhados por aí. Porque eu levo a sério ser sério... mesmo quando parece que estou brincando: essa é uma das maravilhas de escrever. Como escrevi há muitos anos e continua sendo a minha verdade: palavras são meu jeito mais secreto de calar.

LUFT, Lya. *Pensar é transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Os textos fazem uso constante de recursos que permitem a articulação entre suas partes. Quanto à construção do fragmento, o elemento

- a) “nisso” introduz o fragmento “botar a cara na janela em crônica de jornal”.
- b) “assim” é uma paráfrase de “é como me botarem no colo”.
- c) “isso” remete a “escondia em poesia e ficção”.
- d) “alguns” antecipa a informação “É isso que digo para meus pais”.
- e) “essa” recupera a informação anterior, “janela do jornal”.

O pronome “nisso” tem função referencial no texto, conectando-se com a ideia e o fragmento “botar a cara na janela em crônica de jornal”.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

## 3. Enem

C6-H18

Os filhos de Anna eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão engraçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. **Mas** o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, **mas** essas apenas.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**

- a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

Os dois “mas” presentes no fragmento apresentam funções e significações diferentes: o primeiro tem a função de contrastar e o segundo, de adicionar.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

## 4. Enem

C6-H18

Labaredas nas trevas

Fragmentos do diário secreto de Teodor Konrad Na-lecz Korzeniowski

20 DE JULHO [1912]

Peter Sumerville pede-me que escreva um artigo sobre Crane.

Envio-lhe uma carta: “Acredite-me, prezado senhor, nenhum jornal ou revista se interessaria por qualquer coisa que eu, ou outra pessoa, escrevesse sobre Stephen Crane. Ririam da sugestão. [...] Dificilmente encontro alguém, agora, que saiba quem é Stephen Crane ou lembre-se de algo dele. Para os jovens escritores que estão surgindo ele simplesmente não existe”.

20 DE DEZEMBRO [1919]

Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal. Sou reconhecido como o maior escritor vivo da língua inglesa. Já se passaram dezenove anos desde que Crane morreu, mas eu não o esqueço. E parece que outros também não. *The London Mercury* resolveu celebrar os vinte e cinco anos de publicação de um livro que, segundo eles, foi “um fenômeno hoje esquecido” e me pediram um artigo.

FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Na construção de textos literários, os autores recorrem com frequência a expressões metafóricas. Ao empregar o enunciado metafórico “Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal”, pretendeu-se estabelecer, entre os dois fragmentos do texto em questão, uma relação semântica de

- a) causalidade, segundo a qual se relacionam as partes de um texto, em que uma contém a causa e a outra, a consequência.
- b) temporalidade, segundo a qual se articulam as partes de um texto, situando no tempo o que é relatado nas partes em questão.
- c) condicionalidade, segundo a qual se combinam duas partes de um texto, em que uma resulta ou depende de circunstâncias apresentadas na outra.
- d) adversidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto, em que uma apresenta uma orientação argumentativa distinta e oposta à outra.
- e) finalidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto, em que uma apresenta o meio, por exemplo, para uma ação e a outra, o desfecho dela.

#### 5. Uerj – Observe as formas destacadas em:

Morava então (1893) em uma casa de pensão no Catete. Já por **esse** tempo **este** gênero de residência florescia no Rio de Janeiro. **Aquela** era pequena e tranqüila.

ASSIS, Machado de. Maria Cora. *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1990.

**Esse, este e aquela** são formas empregadas como recursos de coesão textual. Indique a classe gramatical a que pertencem essas palavras e justifique a escolha de cada uma no trecho de acordo com a respectiva função textual.

#### 6. FGV-SP

##### Texto I

Vivemos numa época em que quase tudo pode ser comprado e vendido. Nas três últimas décadas, os mercados – e os valores do mercado – passaram a governar nossa vida como nunca. Não chegamos a essa situação por escolha deliberada. É quase como se a coisa tivesse se abatido sobre nós.

Quando a Guerra Fria acabou, os mercados e o pensamento pautado pelo mercado passaram a desfrutar de um prestígio sem igual, e muito compreensivelmente. Nenhum outro mecanismo de organização de produção e distribuição de bens tinha se revelado tão bem-sucedido na geração de afluência e prioridade. Mas, enquanto um número cada vez maior de países em todo o mundo adotava mecanismos de mercado na gestão da economia, algo mais também acontecia. Os valores de mercado passavam a desempenhar um papel cada vez maior na

vida social. A economia se tornava um domínio imperial. Hoje, a lógica de compra e venda não se aplica apenas a bens materiais: governa crescentemente a vida como um todo. Está na hora de nos perguntarmos se queremos viver assim. [...] Essa chegada do mercado e do pensamento centrado nela a aspectos da vida tradicionalmente governados por outras normas é um dos acontecimentos mais significativos de nossa época.

Michel J. Sandel, filósofo, professor na Universidade de Harvard. *O que o dinheiro não compra* – os limites morais do mercado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Adaptado.

##### Texto II

Reduzir o valor da vida ao dinheiro mata toda possibilidade de idealizar um mundo melhor. Somente o saber pode fazer frente ao domínio do dinheiro, pelo menos por três razões. A primeira: com o dinheiro pode-se comprar tudo (dos juízes aos parlamentares, do poder ao sucesso), menos o conhecimento. Sócrates lembra a Agatão que o saber não pode ser transferido mecanicamente de uma pessoa a outra. O conhecimento não se adquire, mas se conquista com grande empenho interior. A segunda razão diz respeito à total reversão da lógica do mercado. Em qualquer troca econômica há sempre uma perda e um ganho. Se compro um relógio, por exemplo, “perco” o dinheiro e fico com o relógio; e quem me vende o relógio “perde” o relógio e recebe o dinheiro. Mas, no âmbito do conhecimento, um professor pode ensinar um teorema sem perdê-lo. No círculo virtuoso do ensinar, enriquece quem recebe (o estudante), enriquece quem dá (quantas vezes o professor aprende com seus estudantes?). Trata-se de um pequeno milagre. Um milagre – e essa é a terceira razão – que o dramaturgo irlandês George Bernard Shaw sintetiza num exemplo: se dois indivíduos têm uma maçã cada um e fazem uma troca, ao voltar para casa cada um deles terá uma maçã. Mas, se esses indivíduos possuem cada um uma ideia e a trocam, ao voltarem para casa cada um deles terá duas ideias.[...]

A ditadura do lucro e do utilitarismo infectou todos os aspectos da nossa vida, chegando a contaminar esferas nas quais o dinheiro não deveria ter peso, como a educação. Transformar escolas e universidades em empresas que devem produzir unicamente diplomados para o mundo do trabalho é destruir o valor universal do ensino. Os estudantes adquirem créditos e pagam débitos com a esperança de conquistar uma profissão que possa dar a eles o máximo de riqueza. A escola e a universidade, ao contrário, devem formar os heréticos capazes de rejeitar o lugar-comum, de repelir a ideologia dominante de que a dignidade pode ser medida com base no dinheiro que possuímos ou com base no poder que possamos gerenciar. A felicidade, como nos recorda Montaigne, não consiste em possuir, mas em saber viver.

Professor E. Ordine. Sociólogo italiano – Universidade da Calábria, em entrevista a João Marcos Coelho. *O Estado de S. Paulo*, 15 fev. 2014.

Com base nas sugestões contidas nos textos aqui reunidos e em outros conhecimentos que você considere relevantes, redija uma dissertação em prosa sobre o tema **É desejável e possível limitar o poder do dinheiro?** Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

#### 7. FGV-SP – Instrução: Leia os textos e reflita sobre as questões por eles suscitadas



**Texto I**

Neste cenário de extrema mobilidade das configurações familiares, novas formas de convívio vêm sendo improvisadas em torno da necessidade – que não se alterou – de criar os filhos, frutos de uniões amorosas temporárias, não importa que se trate de uma mãe solteira com seu único filho ou de uma família resultante de três uniões desfeitas e refeitas, com meia dúzia de filhos vindos de uniões anteriores de ambos os cônjuges, ou ainda de um par homossexual que conseguiu adotar legalmente uma criança. Seja como for, cabem aos adultos que assumiram o encargo das crianças o risco e a responsabilidade de educá-las.

Desse lugar mal sustentado, é possível também que os adultos não compreendam no que consiste sua única e radical diferença em relação às crianças e aos adolescentes, que é a única ancoragem possível da autoridade parental no contexto contemporâneo. Essa é, exatamente, a diferença dos lugares geracionais. É porque os pais ocupam, desde o lugar da geração adulta, as funções de pai e mãe (seja qual for o grau de parentesco que mantenham com as crianças que lhes cabe educar) que eles estão socialmente autorizados a mandar nessas crianças.

Educar, no contexto contemporâneo, é assumir riscos ante a geração seguinte. É claro que, na adolescência dos filhos, os riscos assumidos pelos pais serão cobrados – mais uma vez, nem sempre de forma justa. Mas é possível responder à cobrança adolescente a partir do lugar da responsabilidade: “Eu assumi o encargo de cuidar de você e te educar; prefiro correr o risco de errar do que te abandonar”. Esse enunciado fundamenta-se no desejo de paternidade ou de maternidade. No limite, o adulto está dizendo: “Eu assumo educar você porque eu quis ser seu pai (ou mãe etc.)”.

Fora isso, sabemos que todos os “papéis” dos agentes familiares são substituíveis – por isso é que os chamamos de papéis. O que é insubstituível é um olhar de adulto sobre a criança, a um só tempo amoroso e responsável, desejante de que essa criança exista e seja feliz na medida do possível – mas não a qualquer preço. Insubstituível é o desejo do adulto que confere um lugar a esse pequeno ser, concomitante com a responsabilidade que impõe os limites desse lugar. Isso é que é necessário para que a família contemporânea, com todos os seus tentáculos esquisitos, possa transmitir parâmetros éticos para as novas gerações.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. Disponível em: <[www.psicologiasdobrasil.com.br](http://www.psicologiasdobrasil.com.br)>. Acesso em: jan. 2019. Adaptado.

**Texto II**

De posse de currículo envernizado por carimbos de boas universidades e em meio a uma carreira que, não raro, segue trajetória ascendente, um grupo de mulheres brasileiras tem chamado atenção por uma recente e radical mudança de comportamento. Na contramão de suas antecessoras, que lutaram por décadas para fincar espaço num universo eminentemente masculino, elas estão hoje abdicando do trabalho para cuidar única e exclusivamente dos filhos – opção não livre de conflitos, mas que boa parte delas descreve como “libertadora”.

Veja, 14 jul. 2010.

A partir do conteúdo dos textos reproduzidos e obedecendo às regras da norma-padrão da língua portuguesa, escreva uma redação de gênero dissertativo sobre o tema:

**Os desafios da educação dos filhos diante do quadro social contemporâneo**

**ESTUDO PARA O ENEM**

**8. Enem****C6-H18**

Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES, Sérgio. Sobre palavras. *Veja*, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída

predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- a) [...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.
- b) Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...].
- c) O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.
- d) O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...].
- e) Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

## 18

FATO *VERSUS* OPINIÃO

- Fato
- Opinião
- Verdade líquida
- *Fake news*
- Pós-verdade

**HABILIDADES**

- Compreender os conceitos de fato e opinião.
- Diferenciar fato de opinião.
- Reconhecer as marcas discursivas da opinião.
- Identificar os tipos de discurso na apresentação de fatos e de opinião.
- Analisar a importância da internet para a formação de opinião.
- Compreender o conceito de pós-verdade.

**O que é fato e o que é opinião?**

Em uma profusão de compartilhamento de informações, algumas apresentadas inclusive superficialmente, é de extrema importância saber diferenciar o que é fato e o que é opinião.

Em meio a tantas notícias, enviadas e/ou acessadas por diferentes meios, você acredita ser capaz de distinguir um fato de uma opinião? Observe a seguir duas manchetes, uma de junho de 2013 e outra de fevereiro de 2014, de um mesmo veículo de comunicação.

**Vídeo mostra ação de vândalos no Palácio do Itamaraty, em Brasília, grupo usa cones para bater nas vidraças da lateral da sede do MRE.**

Imagem também mostra pessoas arremessando pedras contra PMs.

MORAIS, Raquel. *GI*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: mar. 2019.

**Manifestantes invadem prédios oficiais no oeste da Ucrânia**  
Segundo a mídia local e a polícia, sedes administrativas foram tomadas.  
Prédio usado pela oposição pegou fogo em Kiev.

REUTERS. *GI*, 18 fev. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: mar. 2019.

Em comum entre as duas notícias está a invasão em prédios públicos. Contudo, um fato ocorreu no Brasil, enquanto o outro ocorreu na Ucrânia. Em ambos os títulos, a situação é apresentada com mais ou menos isenção do autor, podendo influenciar proporcionalmente a formação da opinião de um leitor menos atento. Isso ocorre, sobretudo, a partir da seleção lexical, ou seja, da escolha das palavras empregadas: “vândalos”, “manifestantes”, “invadem”, “foram tomadas”. Também pode ocorrer comprometimento com a isenção pelo emissor da notícia a partir da escolha do relato apresentado, uma vez que os envolvidos no fato podem estar diretamente interessados na abordagem de ações isoladas dentro de uma situação, escolhendo, ainda que inconscientemente, omitir, por exemplo, as causas do fato. Na segunda notícia, é significativa a escolha dos relatos da mídia local e da polícia, segundo as quais, “sedes administrativas foram tomadas”, quando poderiam ter sido apresentados os relatos de todos os envolvidos no fato, incluindo assim a versão dos manifestantes.

## FATO

MAN RAY/NATIONAL PORTRAIT GALLERY, LONDRES



RADNITZKY, Emmanuel (Man Ray). *Aldous Huxley*. 1934. Fotografia; 29,5 cm × 23,5 cm. National Portrait Gallery, Londres, Inglaterra.

Aldous Huxley (1894-1963) em *Admirável mundo novo* (1932), assim como em outras obras suas, problematiza o domínio de indivíduos (de identidade coletiva), a partir do controle do discurso, de modo que a realidade não seja questionada, uma vez que sua percepção é distorcida pela manipulação do acesso ao discurso não dominante.

**Fatos não deixam de existir porque são ignorados.**

HUXLEY, Aldous. *Sobre a democracia e outros estudos*. Tradução de Luís Viana de Sousa Ribeiro. Lisboa: Livros do Brasil, 1974. (Dois Mundos).

O **fato** é um acontecimento, um evento, algo que ocorreu ou está ocorrendo no momento da enunciação. Nos discursos informativo e descritivo explora-se a discussão, a descrição e a apresentação de fatos, sobretudo pelo uso dos gêneros discursivos acadêmico, jurídico e jornalístico.

MUSTAFAHACALAKI/ISTOCK



O discurso informativo baseado em fatos é próprio dos gêneros notícia e reportagem, os mais difundidos dessa esfera discursiva.

Sendo assim, fatos estão entre as principais matérias-primas do trabalho de jornalistas, especialistas na transmissão de informações por qualquer meio de comunicação, como jornais, internet e revistas, uma vez que o discurso informativo e expositivo com objetivo comunicativo baseado em fatos são próprios dos gêneros notícia e reportagem, os mais difundidos dessa esfera discursiva.

## OPINIÃO

GUZALIA FILIMONOVA/ISTOCK



O discurso opinativo também está presente na esfera jornalística, em artigos e editoriais, mas encontra-se principalmente em nosso cotidiano quando defendemos nossos pontos de vista.

Teoricamente, a opinião é o ponto de vista formado a partir da análise de fatos, sejam eles políticos, científicos, cotidianos, religiosos, culturais etc.

**O fato de uma opinião ser amplamente compartilhada não é nenhuma evidência de que não seja completamente absurda.**

RUSSELL, Bertrand. *O casamento e a moral*. Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.



Em muitos casos, a opinião pode ser apenas um reflexo das convicções pessoais de quem a compartilha, ainda que isso não configure prática saudável para o convívio em sociedade, sobretudo naquelas compostas de grupos e indivíduos muito distintos entre si. Nesse sentido, é sempre importante haver diálogo entre indivíduos de opiniões diferentes, a fim de que outros pontos de vista sejam conhecidos, ajudando na reflexão de fatos de interesse mútuo.

Leia o texto e, com os colegas, discuta a relação entre fato *versus* opinião no discurso das pessoas entrevistadas para a reportagem.

### **Porte de arma: direito do cidadão? Ou o Estado deve manter o monopólio do uso da força?**

*Andar armado é um direito do cidadão? Muita gente acha que sim. Mas outros defendem o monopólio do uso da força nas mãos do Estado. Especialistas afirmam, inclusive, que ter uma arma em casa aumenta a chance de assassinato, suicídio ou acidente.*

Andar armado nas ruas é considerado por muita gente um direito que o cidadão tem de se defender da violência.

O Estatuto do Desarmamento, em vigor desde 2004, só permite o porte de armas a algumas categorias profissionais, como policiais e integrantes das Forças Armadas. E um projeto em tramitação na Câmara pode facilitar a obtenção do porte.

Lucas Martins Silveira, presidente do Instituto de Defesa Nacional, defende a mudança: "É importante considerar que ninguém pode tirar de um pai a opção, se desejar, de defender um filho. Ninguém pode tirar de um homem, de um chefe de uma casa, do marido, ou até mesmo da esposa, a possibilidade de defender a sua família se desejar. É uma opção."

Fabrizio Rabelo, pesquisador em segurança pública, acredita que a sociedade fica desprotegida quando o cidadão perde o direito de se defender:

"Quando nós tiramos de circulação na sociedade a arma de fogo, o efeito imediato para a sociedade é a fragilização social. Nós tiramos a força da sociedade no confronto com o ataque criminoso."

Argumento parecido é defendido pelo ex-delegado da Polícia Civil Claudinei Machado, presidente da Comissão de Segurança Pública da OAB de Sorocaba, em São Paulo:

"A política desarmamentista que tem sido adotada por nosso país mostra que ela não gera paz social e muito menos inibe a ocorrência da violência."

Mas a eficácia do uso generalizado de armas no combate a assaltos e assassinatos é questionada por especialistas.

Daniel Cerqueira, diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea, defendeu tese de doutorado em que concluiu que 1% a mais de armas nas ruas aumenta em 2% o número de homicídios.

Segundo ele, um cidadão com arma em casa tem o dobro de chance de ser assassinado ou cometer suicídio:

"É um consenso na literatura internacional que mais armas geram mais crimes. Mais armas fazem aumentar os homicídios, os suicídios, os acidentes, não apenas os de adultos, de jovens, mas os de crianças também. Há muitos pais de família, há muita gente de bem, que não é bandido, e que eventualmente, com a arma de fogo, perdeu a cabeça, numa briga de bar por time, por Flamengo, por Vasco, e matou o outro. Isso acontece muito."

Cláudio Chaves Beato, coordenador do Centro de Estudos da Criminalidade da Universidade Federal de Minas Gerais, afirma que uma pessoa armada, até mesmo um policial, tem 88% a mais de chance de ser vítima de agressão por arma de fogo:

"É que a arma, na verdade, expõe mais as pessoas ao crime. No caso de roubos, ter ou não ter armas não significa nada. E aí a pergunta é: vale a pena armar a população, dar o direito à população ficar armada contra um crime no qual você ter ou não arma não quer dizer nada? Segunda, no caso de agressão, pelo contrário, a posse de armas aumenta a chance de vitimização."

O uso de armas pela população como uma forma de combater a violência também é questionado pela procuradora da República Luciana Loureiro. Para ela, as causas da violência são diversas, o que reduz a política de armar a população como meio de reduzir os índices de criminalidade:

"Se a finalidade do projeto de lei, como um dos fundamentos de sua proposição, é reduzir a violência por meio da autodefesa que se pretende permitir através da arma de fogo, essa finalidade talvez não seja alcançada porque nós temos causas muito complexas que redundam em violência e são essas causas complexas que tem que ser atacadas com o fim de atingirmos uma maior pacificação social."

Valéria Velasco, do Comitê Nacional de Vítimas da Violência, defende o monopólio do uso da força pelo Estado e não por cidadãos:

"Proteger o cidadão não é tarefa de cada um. Nós não podemos impor mais este peso a nossa população, que já está sofrida, sem saúde, sem escola. E agora vai ter que cuidar da sua própria segurança, trazendo risco para todos e para si própria, para seus próprios familiares? Mais armas para cair na mão de bandido, como nós vimos aí todo dia?"

O impasse entre facilitar ou continuar a proibir o porte de armas para o cidadão pode começar a ser resolvido até o fim do ano, com a votação de um projeto que revoga o Estatuto do Desarmamento.

A proposta está em uma comissão especial e tem que passar ainda pelo Plenário da Câmara para, depois, tramitar no Senado.

VITAL, Antonio. *Rádio Câmara*, 17 ago. 2015. Brasília: Câmara dos deputados. Disponível em: <www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio>. Acesso em: mar. 2019.

Apesar de a reportagem apresentar fatos e dados sólidos ao longo da abordagem do tema, assim como registrar argumentos contrários e favoráveis à questão, pode-se perceber o posicionamento do autor do texto em algum momento? Discutam se a escolha de apresentação dos dados disponibilizados pode configurar algum nível de comprometimento; reflitam sobre a ordem de apresentação dos argumentos e concluam se essa escolha reflete, de alguma forma, a opinião do autor do texto. Da mesma forma, discutam se poderia indicar algum alinhamento ideológico a escolha dos entrevistados, sobretudo por suas funções sociais e alguma provável relevância atribuída a elas. Por último, que itens lexicais evidenciariam uma possível adesão do autor a um posicionamento ou a outro.

Ainda que não evidentes, diversos estudos na área de discurso já defenderam que, durante a exposição ou a informação de um fato, a ocorrência de marcas discursivas indicam não haver subjetividade por parte do enunciador. São inúmeros os traços que podem indicar a opinião do autor de um texto, mesmo que se tratem de marcas paralinguísticas – não verbais. Essas marcas ocorrem, sobretudo, em gêneros textuais argumentativos, como o artigo de opinião, a resenha crítica, a carta do leitor, os comentários em redes sociais e assim por diante. Entretanto, graças à identificação de certos indícios de caráter discursivo, mesmo em textos socialmente considerados menos enviesados, é possível perceber o posicionamento de seu autor.

Operadores argumentativos e discursivos permitem que haja coesão entre as estruturas do texto, organizando a argumentação e direcionando a interpretação da mensagem veiculada.

## LEITURA COMPLEMENTAR

### Operadores argumentativos e discursivos

Os operadores argumentativos e discursivos implicam:

- Um argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.  
*até, mesmo, até mesmo, inclusive.*
- Uma escala subtendida que aponta argumentos mais fortes ou mais fracos através da hierarquia dos elementos.  
*ao menos, pelo menos, no mínimo.*
- Argumentos a favor de uma mesma conclusão.  
*e, também, ainda, nem (= e não), não só... mas também, tanto... quanto, além de, a par de... aliás.*
- Um argumento decisivo, apresentado como um acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário.  
*aliás, além do mais, além de tudo, além disso, ademais.*



- e) Uma explicação ou justificativa ao que foi dito no enunciado anterior.  
*portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, consequentemente.*
- f) Argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas.  
*ou, ou então, quer... quer, seja... seja.*
- g) Relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão.  
*mais que, menos que, tão... como.*
- h) Uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior.  
*porque, que, já que, pois.*
- i) Argumentos orientados para conclusões contrárias, ou seja, que contrapõem enunciados de orientação argumentativa contrária.  
conjunções adversativas (*mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto*) e conjunções concessivas (*embora, ainda que, mesmo que, apesar de que*).
- j) Conteúdos pressupostos no enunciado.  
*já, ainda, agora.*
- k) Ideias de escalas opostas (afirmação total × negação total).  
*quase × apenas (só, somente), um pouco × pouco.*
- l) Uma generalização ou ampliação do que foi dito anteriormente.  
*de fato, realmente, aliás, também, é verdade que.*
- m) Uma especificação ou exemplificação do que foi dito anteriormente.  
*por exemplo, como.*
- n) Uma explicitação, confirmação ou ilustração do que foi dito anteriormente.  
*assim, desse modo, dessa maneira.*

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

#### Classificação dos operadores:

Tipos	Descrição	Exemplos
<b>Aditivos</b>	Aqueles que exprimem adição e correlação.	<i>e, bem, nem... nem, não só... mas também, tampouco (= também não)</i>
<b>Adversativos</b>	Aqueles que exprimem contraste, oposição, compensação.	<i>mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto</i>
<b>Alternativos</b>	Aqueles que exprimem alternância e correlação.	<i>ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja</i>
<b>Conclusivos</b>	Aqueles que exprimem conclusão, consequência.	<i>logo, pois, portanto, por conseguinte, assim, então</i>
<b>Explicativos</b>	Aqueles que exprimem explicação, esclarecimento.	<i>pois, que, porque, porquanto (se que, porque e porquanto tiverem valor subordinativo, passam a ser conectivos causais)</i>
<b>Causais</b>	Aqueles que exprimem causa.	<i>porque, visto que, como, uma vez que, já que, na medida em que, porquanto, haja vista</i>
<b>Comparativos</b>	Aqueles que exprimem comparação.	<i>com, mais... (do) que, menos... (do) que, tão ... como, tanto... quanto, tão... quanto, assim como</i>
<b>Concessivos</b>	Aqueles que exprimem concessão, oposição.	<i>embora, conquanto, malgrado, não obstante, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, por mais que, por pior que, apesar de que, a despeito de, em que pese a, apesar disso</i>
<b>Condicionais</b>	Aqueles que exprimem condição.	<i>se, caso, sem que, se não, a não ser que, exceto se, a menos, contanto que, salvo se</i>
<b>Conformativos</b>	Aqueles que exprimem conformidade.	<i>conforme, consoante, como, segundo</i>

<b>Consecutivos</b>	Aqueles que exprimem consequência.	<i>de sorte que, de modo que, de maneira que, tão (tanto, tamanho, tal)... que</i>
<b>Finais</b>	Aqueles que exprimem finalidade.	<i>para, para que, a fim de que, que (= para que), de modo que, de forma que, de sorte que, porque</i>
<b>Proporcionais</b>	Aqueles que exprimem proporção.	<i>à proporção que, à medida que, quanto mais... tanto mais, ao passo que</i>
<b>Temporais</b>	Aqueles que exprimem tempo.	<i>quando, enquanto, assim que, logo que, desde que, até que, mal, depois que, eis que</i>

MOURA, Fernando. *Nas linhas e entrelinhas*. Brasília: Vestcon, 2008.

A opinião é construída de acordo com a interpretação de mundo de cada indivíduo, porém, diferente do fato que existe por si mesmo, pois nem todos os indivíduos têm opinião sobre tudo, pois ela depende de experiências vividas, assim como do interesse e do conhecimento pelo tema.

## MÍDIA, INTERNET E OPINIÃO PÚBLICA

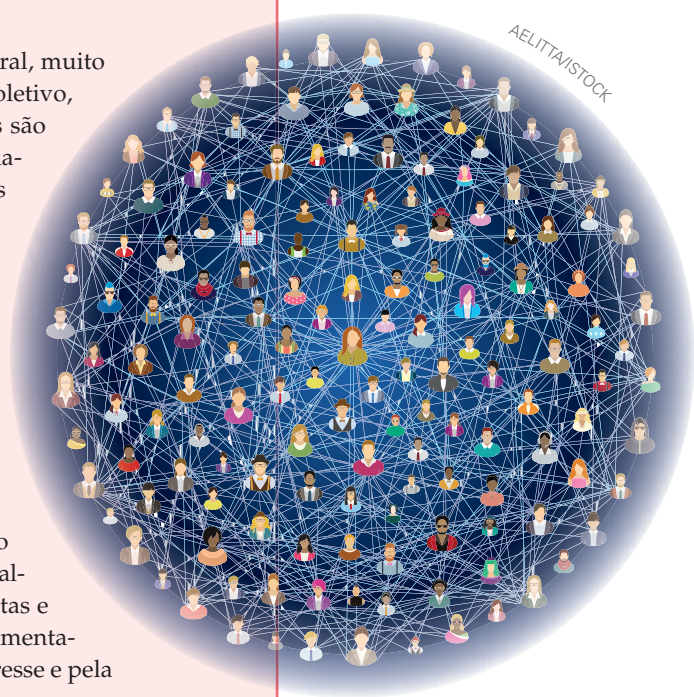
Conforme dito anteriormente, o especialista em expor fatos são os jornalistas que compõem editoriais e escrevem para diferentes meios de comunicação, por isso dizemos que eles formam a opinião pública. A população, até a invenção das redes sociais, informava-se somente por rádio, televisão, jornais impressos e revistas, o que permite afirmar que a informação era vertical; uma vez que eram poucas as fontes de disseminação dos fatos, o que permitia expor as notícias da forma que melhor conviesse aos interesses do veículo de comunicação, muitas vezes sem a neutralidade necessária no jornalismo informativo. O jornalismo por muitas vezes poderia indiretamente veicular opinião junto ao fato, o que distorcia a visão do leitor que, por sua vez, poderia construir julgamento sobre o que estava sendo divulgado sem ter acesso a opiniões contrárias.

### LEITURA COMPLEMENTAR

#### A opinião pública representa todos os públicos?

Opinião pública não é a soma das opiniões do público em geral, muito menos a confluência das mesmas. Não se elabora, no plano coletivo, um consenso, não se forma uma única opinião. O que temos são vários públicos, que dispõem de opiniões e até mesmo informações diferenciadas para o mesmo fato. Estes públicos diversos não chegam em um acordo. O que acontece é que estes tentam disseminar suas opiniões por meio da mídia. É certo que nem todos os grupos ou públicos possuem a mesma visibilidade midiática, mas são aqueles que conseguem tornar pública uma determinada opinião que saem ganhando. É uma espécie de “acordo forjado”. Ou seja, opinião pública nada mais é do que a opinião de um determinado grupo. Em razão das influências dos grupos que formam a opinião dominante, o seu caráter público significa, na verdade, a expressão desta dominância e não a discussão descompromissada de temas com vistas a extrair a melhor posição. Por tudo isso, a opinião pública funciona como uma expressão estratégica e fundamentalmente voltada muito mais a encobrir – interesses particularistas e privados – do que a revelar. Em outras palavras, a mídia movimentar-se e nutre-se desse ambiente indefinido constituído pelo interesse e pela opinião privados, mas que se manifestam como públicos.

FONSECA, Francisco César Pinto da. *Divulgadores e vulgarizadores: a grande imprensa e a constituição da hegemonia ultraliberal no Brasil*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000, p. 19.



Segundo pesquisador, por questões de influência e poder, a opinião pública seria a opinião de um determinado grupo.



Com a universalização do acesso à internet e, principalmente, das redes sociais, surgiram diversos canais de comunicação com diários virtuais e vídeos. Essa aceleração e a pluralidade da informação têm seus prós e contras, já que hoje é possível questionar e democratizar os fatos disseminados, tendo acesso aos diferentes meios e, inclusive, compartilhar opiniões pessoais a respeito de temas em pauta.

Porém, de acordo com o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman, a modernidade está cada vez mais líquida, o que faz com que a relação mundo e indivíduo fique cada vez mais distante, fazendo este ser guiado apenas pelo consumo. Isso também ocorre com a informação e suas novas formas de acesso. Os textos jornalísticos estão sendo diluídos para atender à demanda veloz de consumo das informações. Essa superficialidade dá abertura para informações cada vez menos apuradas e mais suscetíveis a manipulações.

Conseqüentemente, sem a profundidade necessária para se formar opinião, a internet, e a comunicação veiculada nela, não produz debates com argumentos sólidos entre os usuários.

#### LEITURA COMPLEMENTAR



ID-WORK/ISTOCK

“Uma boa discussão, ao contrário do que a maior parte das pessoas pensa, não serve para a disputa - e, sim, para a construção do conhecimento.” (Walter Carnielli, matemático, professor de lógica na Unicamp.)

#### Por que ‘opinião não é argumento’, segundo professor de lógica da Unicamp

*Em entrevista ao Nexo, Walter Carnielli, – explica como manter uma discussão respeitosa e produtiva*

Não é fácil vencer uma discussão. Especialmente em um contexto inflamado, em que as opiniões se polarizam, notícias falsas se proliferam, debatedores recorrem a ofensas e sarcasmo e festas de fim de ano criam ambientes propícios para a briga.

Uma boa discussão, ao contrário do que a maior parte das pessoas pensa, não serve para a disputa - e, sim, para a construção do conhecimento. Nesse sentido, saber sustentar uma boa argumentação é fundamental.

“Um argumento é uma ‘viagem lógica’”, diz Walter Carnielli, matemático, professor de lógica na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e autor de *Pensamento*

▶ *crítico*: o poder da lógica e da argumentação (Editora Rideel), livro escrito em parceria com o matemático americano Richard L. Epstein.

Para Carnielli, os brasileiros têm uma “péssima educação argumentativa”. Confundimos discussão com briga e não sabemos lidar bem com críticas. Mas há técnicas que podem ajudar na construção de bons argumentos - e também a evitar armadilhas comuns em uma discussão, como o uso de falácias.

Entre elas está, por exemplo, a busca por entender o ponto de vista oposto - ajudando, inclusive, o opositor na construção do próprio argumento. Nesta entrevista ao *Nexo*, o professor explica algumas delas:

### O que é considerado um mau argumento?

Walter Carnielli: Um argumento é uma “viagem lógica” que vai das premissas à conclusão. Conforme a definição dada no nosso livro, um bom argumento é aquele em que há boas razões para que as premissas sejam verdadeiras, e, para além disso, as premissas apresentam boas razões para suportar ou apoiar a conclusão.

Em outras palavras, as premissas que você apresenta devem ser precisas e verdadeiras, e devem produzir uma razão para se pensar que a conclusão é verdadeira. Desse modo, há duas maneiras em que um argumento pode falhar, ou ser um mau argumento:

- 1- Se as premissas forem falsas.
- 2 - Se as premissas não apoiam a conclusão.

Em geral as pessoas erram mais na parte 2: parece mais difícil decidir se as premissas apoiam ou suportam a conclusão do que verificar se elas são verdadeiras ou falsas.

### Como desmontar um mau argumento de forma respeitosa e produtiva?

W.C.: Existe um princípio metodológico importante na argumentação que é o *princípio da acomodação racional*, também conhecido como *princípio da caridade*, e que foi tratado por filósofos de peso como Willard van Orman Quine e Donald Davidson.

O princípio exige que devemos tentar entender o ponto de vista do oponente em sua forma mais forte e persuasiva antes de submeter sua visão à nossa avaliação. Dessa forma, devemos primeiro fazer todos os esforços para esclarecer as premissas e a conclusão do oponente, inclusive ajudando-o a reparar os pontos fracos. Só então, após essa atitude respeitosa, é que devemos gentilmente apontar a ela ou a ele onde suas premissas são falhas ou duvidosas, e/ou porque tais premissas não apoiam a conclusão.

Em outras palavras, o *princípio da acomodação racional* impõe que interpretemos as afirmações dos outros de forma a maximizar a verdade ou racionalidade do adversário, tanto quanto isso seja possível. É a maneira mais respeitosa e produtiva de manter uma discussão honesta.

### Quais são as falácias mais recorrentes?

W.C.: Nós, brasileiros, temos uma péssima educação argumentativa: confundimos discussão com briga, e vemos as críticas como inveja, falta de amizade, falta de amor etc. Pior ainda: quando começa uma discussão, muitas vezes vem o seguinte: ‘tenho o direito de ter

minha opinião’, seja sobre o criacionismo, o governo, a política ou a pena de morte.

Claro que todos têm o direito de manter sua opinião, mas opinião não é argumento. A democracia também é feita de opiniões – ninguém precisa argumentar para votar no candidato que preferir, basta manifestar sua opinião nas urnas. Mas quando o candidato quer nos convencer, ou quando queremos convencer os outros sobre nossa posição política, nossa crenças não bastam.

Fora esta falácia estrutural tremenda, que revela que a pessoa sequer sabe o que é um argumento, algumas das falácias mais comuns são:

*Ad Hominem*: quando se ataca a pessoa, não o argumento. Por exemplo: “o médico me recomendou parar de fumar. Mas ele fuma!”

Falso dilema: quando se exageram os dois lados de uma questão, não deixando lugar para nuances ou meio-termo. Por exemplo: “você é a favor do aborto? Então você apoia o assassinato de crianças”.

*Post hoc ergo propter hoc*: ou seja, “depois disso, portanto por causa disso”. Por exemplo: “Hitler era vegetariano, e veja no que deu”.

Inverter o ônus da prova: Por exemplo: “claro que OVNI’s existem. Prove o contrário”.

Falsa analogia: por exemplo, tentar comparar casamento homossexual com legalização da pedofilia.

### Por que tanta gente recorre às falácias?

W.C.: Há centenas de falácias conhecidas e estudadas, mas a lista é potencialmente infinita. Há falácias lógicas, falácias estruturais, falácias de analogia, falácias emocionais, etc. Uma falácia é um mau argumento que não pode ser reparado. As pessoas gostam das falácias com rótulos em latim, que soam poderosas, e supostamente são usadas por advogados, ou podem ser usadas para impressionar o oponente. Quão relevante você acredita que é a lógica formal, dado o fato de pesquisas sugerirem que os mecanismos utilizados para formar opiniões não são racionais?

W.C.: Primeiramente, crenças não são argumentos, embora possam influir neles. Os mecanismos para formar opiniões podem não ser racionais, mas até nesse ponto a investigação lógica é essencial.

Por exemplo, existe uma racionalidade de como revisar suas próprias crenças - a teoria de revisão de crenças - que são essenciais para computação teórica, por exemplo. Como podemos ‘explicar’ a um computador como ele deve reorganizar seus dados frente a novas informações? Ainda mais, as pessoas podem manter crenças verdadeiras por razões irracionais, ou manter crenças falsas por decisões racionais. Some-se a tudo isso o fato de que o conhecimento é tradicionalmente visto como um tipo especial de crença, e que o problema das contradições na razão é também um importante tema da lógica.

A lógica formal, e a informal [presente na linguagem comum, que não utiliza nenhum tipo de técnica para ser apresentada], são importantíssimas para se investigar a razão humana.

MONTESANTI, Beatriz; DIAS, Tatiana. Por que ‘opinião não é argumento’, segundo este professor de lógica da Unicamp. *Nexo Jornal*, 27 dez. 2016. (Adaptado.)

## Pós-verdade

A premissa para se manter um debate ou um bom argumento é que estes sejam verdadeiros.

O conceito de “pós-verdade” foi consolidado após uma grande incidência nos últimos tempos da desvirtuação da comunicação e informação, na qual fatos acabam tendo menos importância que as crenças pessoais para moldar a opinião pública.

As *fake news* estão intimamente relacionadas à pós-verdade, num cenário de falácias e falsos dilemas, disseminados de maneira muito rápida pela internet e que são pensados exatamente para alimentar as crenças pessoais de diferentes grupos sociais.

Diversos episódios políticos pelo mundo estão sendo manipulados por falsas notícias, e está cada vez mais trabalhoso averiguar fatos e se eles provêm de fontes seguras de informação.



O conceito de pós-verdade surge em meio ao fenômeno contemporâneo de as opiniões serem mais relevantes do que a veracidade dos fatos.

## LEITURA COMPLEMENTAR

### Pós-verdade e *fake news*

Pós-verdade e *fake news* são dois termos que ganharam notoriedade no final de 2016. Eles foram criados, entre outras razões, para dar sentido a dois fenômenos que surpreenderam a opinião pública no decorrer do ano. O primeiro deles foi a decisão do Reino Unido de sair da União Europeia. A resolução ganhou um apelido que pegou e pelo qual ficou mundialmente conhecida: Brexit (de *Britain* e *Exit*). O referendo que aprovou a saída, para surpresa de boa parte do mundo ocidental civilizado, foi realizado em 23 de junho de 2016.

O segundo foi a eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos, em 8 de novembro do mesmo ano. Logo em seguida, o dicionário *Oxford* definiu “pós-verdade” como a palavra do ano. Na justificativa para a escolha, explicou que o uso do vocábulo havia crescido enormemente durante o ano, associado, principalmente, aos dois acontecimentos descritos acima: o Brexit e a eleição norte-americana. Enunciou também qual era o seu significado: “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais”.

A partir daí e em todo o ano de 2017 as notícias falsas ficaram em evidência. Sintetizando e simplificando a percepção geral: a epidemia de notícias falsas fez com que os eleitores e a opinião pública tomassem decisões equivocadas, baseadas na emoção e em crenças pessoais, ao invés de em fatos objetivos.

GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 116, jan./fev./mar. 2018. p. 45-58.

As *fake news* dialogam diretamente com a pós-verdade, uma vez que fomentam a ânsia de alguns indivíduos em ver suas convicções pessoais ressoarem arbitrariamente como verdade absoluta.



# ROTEIRO DE AULA

## FATO VERSUS OPINIÃO

### Fato

Acontecimento, o que ocorreu, um evento. Próprio do gênero notícia, reportagem. Discurso informativo e expositivo.

### Opinião

Posicionamento, ponto de vista. Próprio do gênero artigo, resenha crítica, comentário. Discurso argumentativo.

### Opinião pública

Formada a partir dos meios de comunicação por diferentes grupos de pessoas, com diferentes interesses.

### Argumento

Discurso que pretende defender as opiniões e persuadir o receptor.

### Pós-verdade

Conceito moderno que define o fenômeno comunicativo por meio do qual os fatos têm menos importância do que as crenças pessoais.



## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

## 1. Enem

C7-H22

Apesar da ciência, ainda é possível acreditar no sopro divino – o momento em que o Criador deu vida até ao mais insignificante dos microrganismos?

Resposta de Dom Odilo Scherer, cardeal arcebispo de São Paulo, nomeado pelo papa Bento XVI em 2007:

“Claro que sim. Estaremos falando sempre que, em algum momento, começou a existir algo, para poder evoluir em seguida. O ato do criador precede a possibilidade de evolução: só evolui algo que existe. Do nada, nada surge e evolui.”

LIMA, Eduardo. Testemunha de Deus. *Superinteressante*, São Paulo, n. 263-A, p. 9, mar. 2009. Adaptado.

Resposta de Daniel Dennet, filósofo americano ateu e evolucionista radical, formado em Harvard e doutor por Oxford:

É claro que é possível, assim como se pode acreditar que um super-homem veio para a Terra há 530 milhões de anos e ajustou o DNA da fauna cambriana, provocando a explosão da vida daquele período. Mas não há razão para crer em fantasias desse tipo.

LIMA, Eduardo. Advogado do Diabo. *Superinteressante*, São Paulo, n. 263-A, p. 11, mar. 2009. Adaptado.

Os dois entrevistados responderam a questões idênticas, e as respostas a uma delas foram reproduzidas aqui. Tais respostas revelam opiniões opostas: um defende a existência de Deus e o outro não concorda com isso. Para defender seu ponto de vista,

- o religioso ataca a ciência, desqualificando a Teoria da Evolução, e o ateu apresenta comprovações científicas dessa teoria para derrubar a ideia de que Deus existe.
- Scherer impõe sua opinião, pela expressão “claro que sim”, por se considerar autoridade competente para definir o assunto, enquanto Dennett expressa dúvida, com expressões como “é possível”, assumindo não ter opinião formada.
- o arcebispo critica a teoria do Design Inteligente, pondo em dúvida a existência de Deus, e o ateu argumenta com base no fato de que algo só pode evoluir se, antes, existir.
- o arcebispo usa uma lacuna da ciência para defender a existência de Deus, enquanto o filósofo faz uma ironia, sugerindo que qualquer coisa inventada poderia preencher essa lacuna.
- o filósofo utiliza dados históricos em sua argumentação, ao afirmar que a crença em Deus é algo primitivo, criado na época cambriana, enquanto o religioso baseia sua argumentação no fato de que algumas coisas podem “surgir do nada”.

O arcebispo quando diz “começou a existir algo” argumenta sobre uma referência que não pode ser determinada ainda. Já o filósofo, quando compara Deus a um super-homem, utiliza da ironia para concluir que não há razão para acreditar no “sopro divino”.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

## 2. Enem

C7-H22

Concordo plenamente com o artigo “Revolucione a sala de aula”. É preciso que valorizemos o ser humano, seja ele estudante, seja professor. Acredito na importância de aprender a respeitar nossos limites e superá-los, quando possível, o que será mais fácil se pudermos desenvolver a capacidade de relacionamento em sala de aula. Como arquiteta, concordo com a postura de valorização do indivíduo, em qualquer situação: se procurarmos uma relação de respeito e colaboração, seguramente estaremos criando a base sólida de uma vida melhor.

SOUZA, Tania Bertoluci. Disponível em: <www.kanitz.com.br/veja/cartas.htm>. Acesso em: 29 out. 2018. Adaptado.

Em uma sociedade letrada como a nossa, são construídos textos diversos para dar conta das necessidades cotidianas de comunicação. Assim, para utilizar-se de algum gênero textual, é preciso que conheçamos os seus elementos. A carta de leitor é um gênero textual que

- apresenta sua estrutura por parágrafos, organizados pela tipologia da ordem da injunção (comando) e estilo de linguagem com alto grau de formalidade.
- inscreve-se em uma categoria cujo objetivo é o de descrever os assuntos e temas que circularam nos jornais e revistas do país semanalmente.
- organiza-se por uma estrutura de elementos bastante flexível em que o locutor encaminha a ampliação dos temas tratados para o veículo de comunicação.
- constitui-se por um estilo caracterizado pelo uso da variedade não padrão da língua e tema construído por fatos políticos.
- organiza-se em torno de um tema, de um estilo e em forma de paragrafação, representando, em conjunto, as ideias e opiniões de locutores que interagem diretamente com o veículo de comunicação.

Essas são as características próprias do gênero carta de leitor, que se baseia principalmente na opinião formada por um leitor do veículo onde a informação foi disponibilizada e que se posiciona perante os conhecimentos sobre o tema já tratado por esse veículo.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

**3. UFPR** – Considere as seguintes características:

- 1) Texto expressionista de subjetividade exacerbada.
- 2) Predominância da forma narrativa e humanização do relato.
- 3) Texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.
- 4) Predominância da forma descritiva e desumanização do relato.
- 5) Texto literário e alta subjetividade.

São estabelecidas para o gênero reportagem as características:

- 1 e 3 apenas.
- 2 e 3 apenas.
- 2, 3 e 4 apenas.
- 3, 4 e 5 apenas.
- 1 e 2 apenas.

Essas são as afirmativas que caracterizam o gênero reportagem, onde há uma narrativa e aproximação maior do fato com o público e emprega linguagem objetiva. Além disso, vale destacar que as reportagens trazem

geralmente consigo a humanização do relato, que vem a ser a superação dos discursos de ódio e sofrimento e seguimento de princípios e argumentos que vislumbrem melhorias na sociedade como um todo.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

## 4. Enem

C7-H22

Dubai é uma cidade-estado planejada para estarrecer os visitantes. São tamanhos e formatos grandiosos, em hotéis e centros comerciais reluzentes, numa colagem de estilos e atrações que parece testar diariamente os limites da arquitetura voltada para o lazer. O maior *shopping* do tórrido Oriente Médio abriga uma pista de esqui, e tem ainda o

projeto de um campo de golfe coberto! Coberto e refrigerado, para usar com sol e chuva, inverno e verão.

Disponível em: <http://viagem.uol.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2012. Adaptado.

No texto, são descritas algumas características da paisagem de uma cidade do Oriente Médio. Essas características descritas são resultado do(a)

- a) criação de territórios políticos estratégicos.
- b) preocupação ambiental pautada em decisões governamentais.
- c) utilização de tecnologia para transformação do espaço.
- d) demanda advinda da extração local de combustíveis fósseis.
- e) emprego de recursos públicos na redução de desigualdades sociais.

**5. Sistema Dom Bosco** – Baseando-se na diferença entre fatos e opiniões, leia a reportagem a seguir do *Jornal da USP* e redija uma carta do leitor sobre o tema.

**“Homeschooling”: a prática de educar em casa**

A educação é uma matéria sobre a qual todos julgam ser especialistas. Basta nascer um bebê, que veremos pai, mãe, avós, tios – todos juntos – indicando roteiros e procedimentos sobre como deverá ocorrer a educação da criança. E isso vai pela vida afora. Há, por sua vez, uma desconfiança generalizada sobre a instituição encarregada de conferir a essa criança seu modelo de formação letrada.

A escola contemporânea tem sido objeto de críticas e questionamentos por parte de inúmeros setores da vida social. Considera-se a instituição obsoleta, diz-se que ela não foi capaz de acompanhar os tempos, que a velocidade das informações na sociedade digital tornou a escola desatualizada em relação àquilo, inclusive, que é sua razão de ser: a formação da cultura letrada. Há claramente uma crise nas imagens pelas quais a escola é representada para a população. E isso não acontece somente no Brasil. Um dos efeitos disso consiste no aumento de uma nova modalidade de educação – o *homeschooling* ou educação doméstica – praticamente desconhecida entre nós, brasileiros, embora tenhamos já um contingente possível de 2.500 famílias que, de acordo com dados recentes da Associação Nacional de Educação Domiciliar, são suas adeptas.

Praticado por 63 países, silenciosamente, cresce no Brasil o número de famílias que se recusam a enviar seus filhos à escola, proporcionando a eles ensino domiciliar. Isso, que alguns caracterizam como “intensiva educação dos filhos”, corresponde a uma prática que supõe que a formação letrada será ministrada pelos pais ou por especialistas por eles escolhidos, retomando aquilo que, tempos atrás, era chamado de preceptoria.

No que diz respeito à legislação brasileira, a orientação é clara: desde 1934 é firmada a obrigatoriedade escolar, que envolve, a um só tempo, a obrigação de o Estado oferecer escolas e a obrigação de os pais enviarem seus filhos à escola. Os adeptos do *homeschooling* – o ensino doméstico ou domiciliar – alegam que há brechas na legislação brasileira, o que possibilita a defesa dessa modalidade de educação. Afirmam, para isso, basicamente os princípios de liberdade de escolha do tipo de instrução que os pais desejam dar a seus filhos. Mais do que isso, criticam o sistema de ensino por sua homogeneidade, argumentam que há defasagens estruturais no modelo de ensino público brasileiro, declaram questões de violência, de drogas e de *bullying* em sala de aula. Alegam também argumentos de foro religioso e moral.

Entre os próprios representantes do Poder Judiciário, não há acordo no que diz respeito à autorização e à regulamentação dessa prática. Há juízes favoráveis, que encontram brechas na legislação e propõem sua flexibilização; e outros se opõem. Os argumentos contrários são aqueles que se reportam à dimensão socializadora da escola. A es-

cola, além de ensinar a ler, a escrever e a contar – no sentido clássico –, é uma “forma de socialização”. Por ser assim, há ensino de valores, de atitudes e de regras e parâmetros de convivência que, por ela, passam.

Além disso, haveria uma responsabilidade pública pela educação. E esta passa pela defesa da escola. Finalmente, as pessoas que criticam a educação doméstica recordam que apenas uma elite poderia ter a opção de não enviar seus filhos à escola; posto que, para tanto, seria um requisito a possibilidade de a família ou deter consigo o domínio dos saberes escolares a serem ministrados ou possuir condições financeiras para contratar um professor particular em casa, que substituisse a escola. Trata-se de algo muito para além de um estilo de vida. Com quem essas crianças que não vão para a escola conviveriam? Quem seria a instituição que se colocaria como intermediária entre a família e a vida social – se a escola, por definição, for excluída das ações sociais dessa juventude?

Um aspecto que depõe contra a experiência escolar é a dificuldade que a escolarização tem tido em corresponder com suas práticas ao enorme avanço tecnológico manifestado, sobretudo, pela vida digital. A mudança nas condições de acesso ao conhecimento, bem como a velocidade no fluxo das informações, tudo isso precisaria ter alguma correspondência nos modos pelos quais a escola lida com o conhecimento. A aplicação das novas tecnologias às situações escolares tem sido lenta e insatisfatória. Isso leva a que se tenha a percepção de que a escola é antiga, como se ela não mudasse, como se ela estivesse atada a práticas arcaicas que teimam em se reproduzir.

Nesse sentido, no caso do Brasil, especialmente as crianças de camadas médias e economicamente fortes chegam à escola com um repertório que vai muito além daquilo que seus pais lhes ensinaram. As crianças e especialmente os adolescentes dialogam com práticas das redes sociais, da internet, das séries que assistem na televisão – enfim, todo um caldo cultural que a escolarização não interpela.

Nos Estados Unidos, país que possui hoje mais de 2 milhões de crianças em idade escolar fora da escola, um dos principais motivos para a prática do *homeschooling* é religioso. São as minorias religiosas, bem como minorias étnicas que, de acordo com os estudos sobre o assunto, aderem a essa nova modalidade de educação. Entre 1999 e 2010 ocorreu um crescimento superior a 100% e, para o conjunto dos Estados norte-americanos, há um contingente de quase 4% de crianças que hoje não frequentam mais a escola. Na Rússia, entre 2008 e 2012, teria ocorrido ampliação de 900% nas práticas de *homeschooling*. Na Alemanha, país que proibiu a prática em seu território, há inúmeros casos de casais que foram multados e até presos por não enviarem os filhos à escola.

Podemos dizer que se trata de uma modalidade nova, posto que vem crescendo exponencialmente em alguns dos principais países do mundo – como, por exemplo, Canadá, Espanha, França, México, Estados Unidos –, mas podemos também dizer que se trata de uma prática velha, já que era esse o modelo que tínhamos no Brasil e no mundo antes do momento histórico de defesa e de consolidação da escolarização universal.

Entre o final do século 18 e meados do século 20, a escolaridade obrigatória é vista como um mecanismo corretor das desigualdades de fortuna, portanto, como um instrumento de equalização social, de igualdade de oportunidades.

O ensino doméstico poderia representar, nesse sentido, um voltar para trás... No caso brasileiro a prática permanece na semilegalidade, posto que não há qualquer regulamentação da matéria. Toda a justificativa que se tem dado – inclusive relativa ao âmbito jurídico – diz respeito às omissões e lacunas da legislação vigente.

Foi John Holt (1923-1985), professor da Universidade de Harvard, quem, pela primeira vez, implementou a experiência da desescolarização. Crítico das potencialidades da instituição escolar, Holt liderou, entre os anos 60 e 70 do século 20, um movimento internacional pela divulgação e legalização do ensino doméstico.

Há poucos trabalhos sobre o *homeschooling* no Brasil. E um limite de tais trabalhos parece decorrer do fato de eles avaliarem a prática pela autodeclaração dos envolvidos. Parece insuficiente. O que se observa é que, em qualquer dos casos, os estudantes do ensino doméstico são privados da experiência de vida e de socialização que só a escola proporciona. Essas crianças ficam reféns de seus pais e familiares.

Em alguma medida, a escola se impõe na sociedade como um anteparo da família. Se alguma coisa corre mal na família, a escola está lá. E vice-versa. Deixar sob encargo exclusivo das famílias todas as oportunidades de educação parece, no mínimo, tarefa temerária. De todo modo, trata-se de um problema que, pelo visto, será pauta de um futuro próximo. Quem viver verá.

BOTO, Carlota. *Jornal da USP*, 16 mar. 2018. Disponível em: <jornal.usp.br/?p=153910>. Acesso em: mar. 2019.

## 6. UFG

Leia o fragmento.

Verossimilhança e evidência são a matéria-prima da pós-verdade. Sua enunciação repetida por muitos, sua expressão em imagens e memes antecipam o que queremos ver acontecer. Sua simples difusão e circulação, a quantidade de cliques e visualizações são o que dão legitimidade ao conteúdo que é exposto. A visibilidade máxima, o compartilhamento, o engajamento em comentários e cliques são a forma de legitimação da pós-verdade. Algo que não necessariamente aconteceu, mas que a simples enunciação e circulação massiva produz um efeito de verdade.

BENTES, Ivana. A memética e a era da pós-verdade. *Revista Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br>. Acesso em: fev. 2019. Adaptado.

*Pós-verdade* foi escolhida em 2016 a palavra do ano pelo Oxford Dictionaries porque tem sido muito utilizada para explicar um fenômeno mundial atual. De acordo com o texto, ela se refere à

- a) valorização e afirmação da verdade pela possibilidade de verificação dos acontecimentos noticiados.
- b) aceleração da divulgação de fatos verdadeiros pelas redes de comunicação em escala mundial.
- c) construção e circulação de fatos e notícias em que a verdade é de importância secundária.
- d) democratização da notícia em que os usuários participam do processo de difusão da verdade.

**7. UFSC (adaptada)** – Quando estamos em dúvida sobre assistir a um filme ou espetáculo, ler um livro ou comprar um CD, a leitura de uma resenha pode nos ajudar na decisão. Se o resenhista apresentar informações e opiniões que nos convençam de que é uma boa opção, teremos elementos favoráveis para fazer a escolha. Caso contrário, poderemos desistir de assistir ao filme/espetáculo, de ler o livro ou de comprar o CD.

Atualmente, vários sites/blogs voltados para a divulgação de obras literárias abrem espaço para que leitores enviem resenhas de livros.

Escreva uma resenha sobre um dos livros indicados para o principal vestibular que você irá concorrer como se fosse publicá-la em um site/blog voltado para a divulgação de obras literárias. Assine obrigatoriamente como “Candidato(a) Vestibular”.

## 8. Enem

C7-H22

## Texto I

## Seis estados zeram fila de espera para transplante da córnea

Seis estados brasileiros aproveitaram o aumento no número de doadores e de transplantes feitos no primeiro semestre de 2012 no país e entraram para uma lista privilegiada: a de não ter mais pacientes esperando por uma córnea.

Até julho desse ano, Acre, Distrito Federal, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Norte e São Paulo eliminaram a lista de espera no transplante de córneas, de acordo com balanço divulgado pelo Ministério da Saúde, no Dia Nacional de Doação de Órgãos e Tecidos. Em 2011, só São Paulo e Rio Grande do Norte conseguiram zerar essa fila.

## Texto II

**Convite**

O Ministério da Saúde convida para o lançamento da campanha de Doação de Órgãos 2011, com a presença do ator José de Abreu.

No evento será feita a entrega do prêmio anual "Destaque na Promoção de Doação de Órgãos" e ainda contará com a apresentação da peça teatral "Segunda Chance", da atriz Kelly Nascimento.

Contamos com a sua presença.

DIA: 27/09/2011  
HORÁRIO: 18H30  
LOCAL: TEATRO NACIONAL CLÁUDIO SANTORO  
SALA MARTINS PENNA

**ENTRADA GRATUITA.**

Seja um doador de órgãos. Seja um doador de vidas.

Logos: FICor, SAÚDE, SUS+, Ministério da Saúde, GOVERNO FEDERAL BRASIL, PAÍS SEM FOME E PAÍS SEM POBREZA.

MINISTÉRIO DA SAÚDE/GOVERNO FEDERAL

Disponível em: <[www.blog.saude.gov.br](http://www.blog.saude.gov.br)>. Acesso em: mar. 2019.

A notícia e o cartaz abordam a questão da doação de órgãos. Ao relacionar os dois textos, observa-se que o cartaz é

- contraditório, pois a notícia informa que o país superou a necessidade de doação de órgãos.
- complementar, pois a notícia diz que a doação de órgãos cresceu e o cartaz solicita doações.
- redundante, pois a notícia e o cartaz têm a intenção de influenciar as pessoas a doarem seus órgãos.
- indispensável, pois a notícia fica incompleta sem o cartaz, que apela para a sensibilidade das pessoas.
- discordante, pois ambos os textos apresentam posições distintas sobre a necessidade de doação de órgãos.



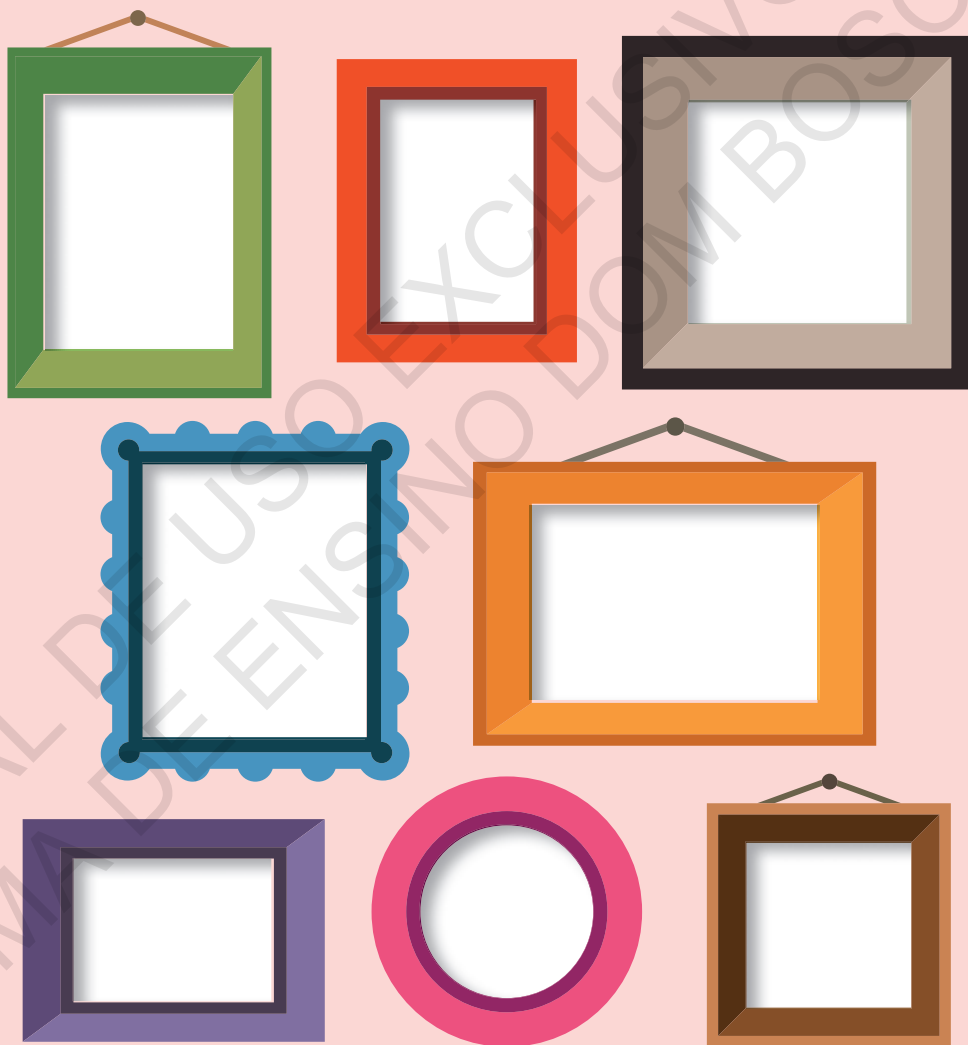
## 19

## EMPREGO DE DADOS

- Emprego de dados
- Empirismo
- Dados empíricos
- Padrão de argumentação

**HABILIDADES**

- Compreender o conceito filosófico e científico de empirismo e dados empíricos.
- Empregar os dados empíricos e evidências no texto argumentativo.
- Reconhecer as estruturas e classes gramaticais para o emprego de dados.

**EMPIRISMO: A EXPERIÊNCIA COMO BASE**

BERESNEV/ISTOCK

Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer ideias; como ela será suprida? De onde vem este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde obtém todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo nosso conhecimento está nela fundado, e da experiência deriva fundamentalmente o próprio conhecimento.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento*. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).

Na filosofia, o empirismo foi debatido por filósofos como Aristóteles, David Hume e, principalmente, John Locke no século XVII. Este defendia a experiência como

fonte primordial de conhecimento; assim, somos como um quadro branco que vai sendo preenchido com as experiências ao longo da vida.

O conhecimento empírico influenciou a ciência moderna, que foi incorporando a experimentação nas metodologias científicas. Hoje, o ponto de partida dos estudos científicos é feito de forma empírica, na qual o fato é primeiro observado e analisado, experimentado, vivenciado, para depois formular teorias – que, por sua vez, antes de se consolidarem também precisam ser inicialmente experimentadas e testadas.

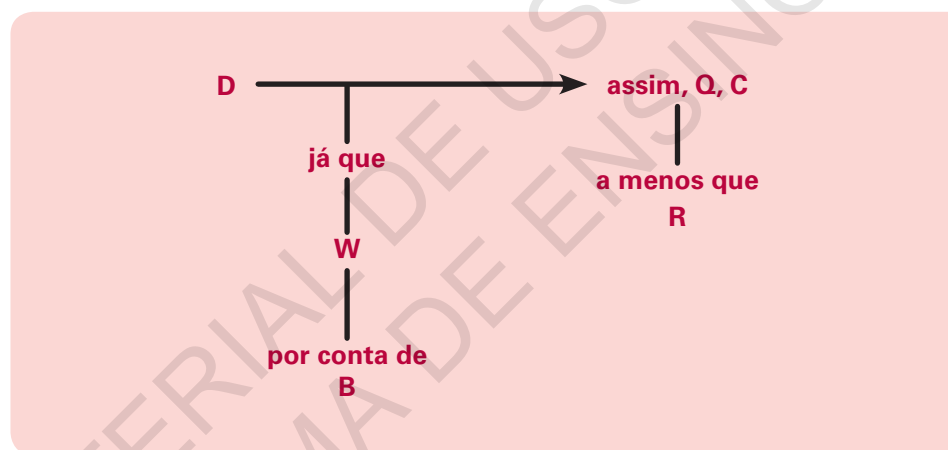
## DADOS EMPÍRICOS

Os dados empíricos juntamente com teorias sobre determinado tema são o pilar para a construção de uma tese e para a estruturação de uma argumentação sólida.

Os dados por si só podem ser subjetivos, pois são concebidos a partir do ponto de vista de um indivíduo ou de grupos. Por isso, é de extrema importância ter em conta outras opiniões, debater e argumentar. Pensemos no tema "água como direito de todos". A depender do ponto de vista, das referências teóricas, a opinião de um enunciador pode desconsiderar problemas sociais, políticos, ambientais que impedem, limitam a distribuição de água a todos os cidadãos do país. Sendo assim, é necessário conhecer outras perspectivas, ampliando a discussão.

## PADRÃO DE ARGUMENTAÇÃO

Em uma argumentação, é esperado que os dados empíricos funcionem como evidências para defender um ponto de vista, e ambos – dados empíricos e ponto de vista – devem estar integrados e levar a uma conclusão verossímil. O filósofo Stephen Toulmin elaborou uma teoria de padrão de argumento composto dos seguintes elementos e relações:



Toulmin, Stephen. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 146.

**Dados (D):** fatos a que recorreremos para fundamentar uma alegação;

**Conclusão (C):** afirmações que procuramos fundamentar;

**Garantia (W):** afirmações gerais que permitem a passagem dos dados à conclusão;

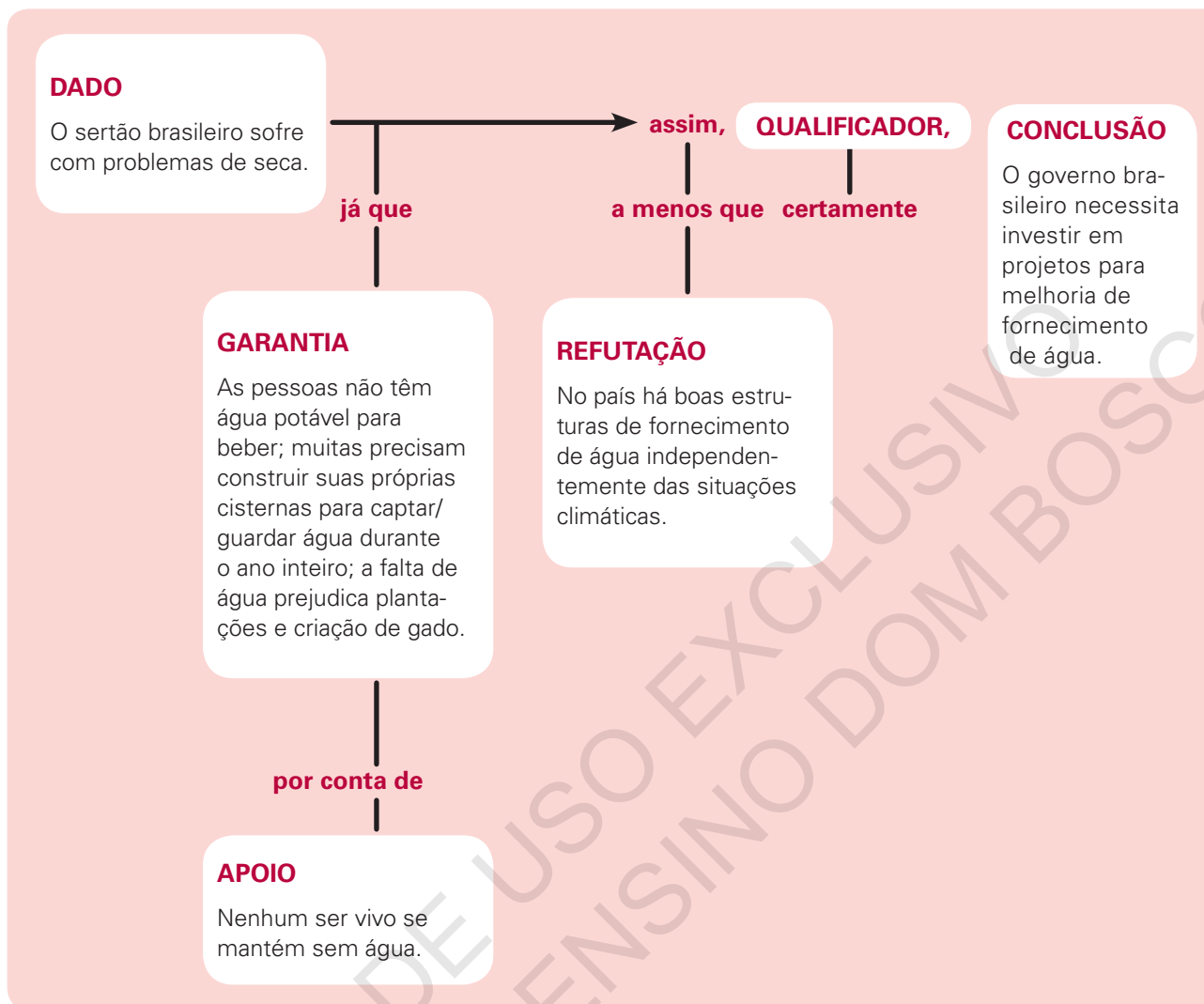
**Apoio (B):** avais que dão autoridade às garantias;

**Qualificador (Q):** grau de força que os dados dão à conclusão, levando em consideração a garantia;

**Refutação (R):** limites ou condições de exceção das garantias apresentadas.

Esse padrão de argumentos pode ser utilizado para validar dados apresentados em uma exposição, isto é, verificar se eles sustentam a coerência do texto, se o que está sendo apresentado não cairá em contradição e assim por diante.

Vejam os um exemplo:



## ADJETIVOS, ADVÉRBIOS E NUMERAIS NA ARGUMENTAÇÃO

Note que o qualificador da argumentação, que é um advérbio, é essencial para medir a força do dado apresentado: certamente, possivelmente, etc.

Os numerais e adjetivos, por sua vez, dão força argumentativa porque acentuam a expressividade daquilo que é exposto, dando credibilidade para o autor, e mais visibilidade aos dados empíricos. Observe a diferença argumentativa entre os dados apresentados abaixo:

**"A seca no ano de 2012, na região Nordeste, foi considerada a mais intensa em 30 anos";**

**A região Nordeste é a que tem mais seca no Brasil.**

**"Entre 1991 e 2012, foram registradas mais de 19 mil ocorrências de estiagem e seca em todo o Brasil".**

**Nos últimos anos foram registradas muitas ocorrências de estiagem no Brasil.**

Veja que a inserção de adjetivos e numerais dão "aporte" aos dados apresentados na argumentação. Na falta de dados sobre datas, quantias etc., ao redigir um texto, utilize os próprios dados apresentados na coletânea da prova, ou, ainda, indique de forma genérica: por exemplo, anos 2000; década de 1980; mais da metade; mais de 50% etc.

# ROTEIRO DE AULA

## EMPREGO DE DADOS

### O empirismo é uma teoria filosófica

baseada nas experiências vividas pelo indivíduo para construção de conhecimento.

### Dados empíricos são

o acúmulo das experiências vividas, a observação do dia a dia.

### De acordo com o modelo proposto por Stephen Toulmin, o padrão de argumentação é formado por

fatos a que recorremos para fundamentar uma alegação;

#### conclusão:

afirmações que procuramos fundamentar;

#### qualificador:

grau de força que os dados dão à conclusão, levando em

consideração a garantia;

#### garantia:

afirmações gerais que permitem a passagem dos dados à conclusão;

#### apoio:

avais que dão autoridade às garantias;

#### refutação:

Limites ou condições de exceção das garantias apresentadas.

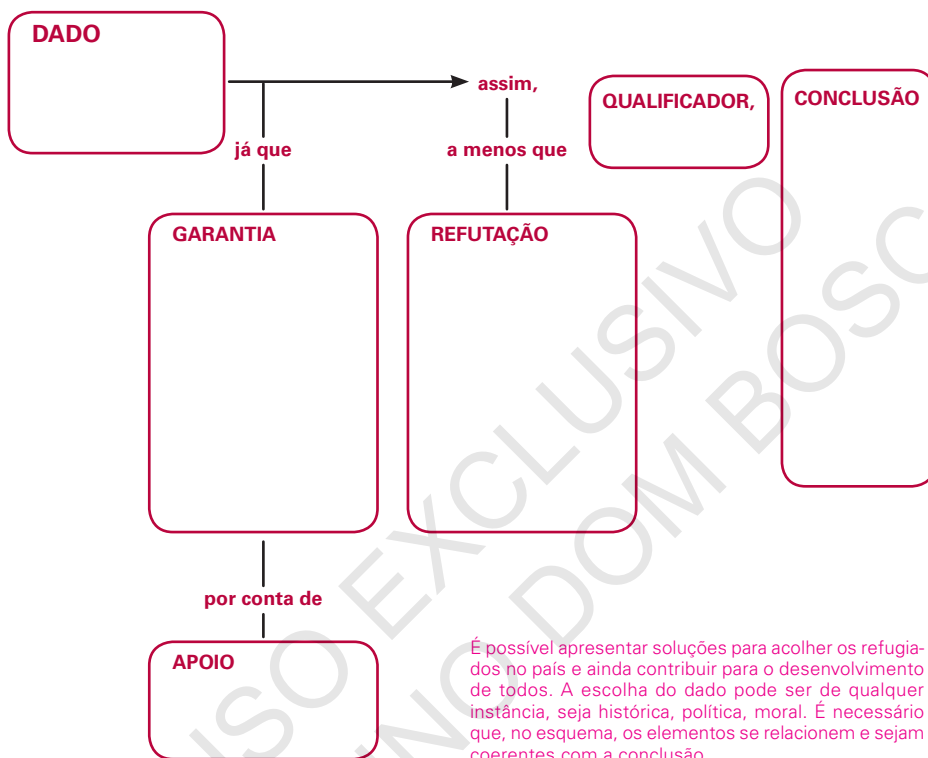
### As principais classes gramaticais que contribuem para o emprego de dados na argumentação são

adjetivos, advérbios e numerais.

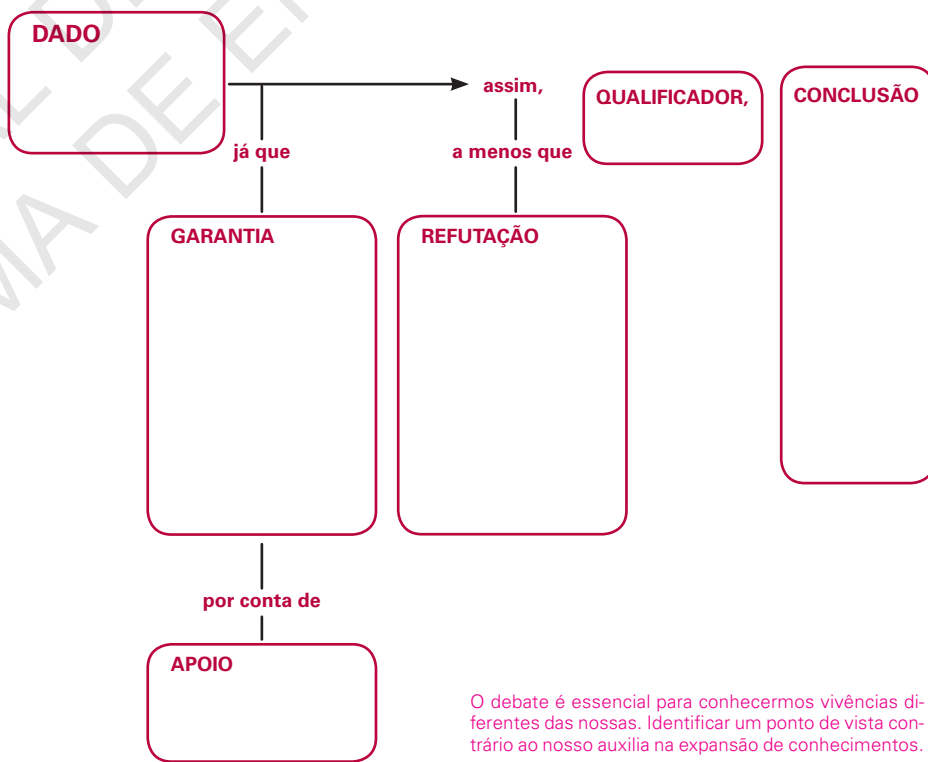


## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

**1. Sistema Dom Bosco** – A partir do tema: “Refugiados no Brasil: até onde vão as fronteiras?;” elabore um padrão de argumentação de Stephen Toulmin.



**2. Sistema Dom Bosco** – Reúna-se com os colegas para discutir os esquemas desenvolvidos e, de acordo com o debate, escolha um ponto de vista contrário ao seu e desenvolva-o no padrão de argumentos:



**3. Enem**

C7-H22

Todo o poder criativo da mente se reduz a nada mais do que a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos fornecem os sentidos e a experiência. Quando pensamos em uma montanha de ouro, não fazemos mais do que juntar duas ideias consistentes, ouro e montanha, que já conhecíamos. Podemos conceber um cavalo virtuoso, porque somos capazes de conceber a virtude a partir de nossos próprios sentimentos, e podemos unir a isso a figura e a forma de um cavalo, animal que nos é familiar.

HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

Hume estabelece um vínculo entre pensamento e impressão ao considerar que

- a) os conteúdos das ideias no intelecto têm origem na sensação.
- b) o espírito é capaz de classificar os dados da percepção sensível.
- c) as ideias fracas resultam de experiências sensoriais determinadas pelo acaso.
- d) os sentimentos ordenam como os pensamentos devem ser processados na memória.
- e) as ideias têm como fonte específica o sentimento cujos dados são colhidos na empiria.

Hume seguia a corrente filosófica empirista que se baseia nas experiências do indivíduo captadas pelos sentidos.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

**EXERCÍCIOS PROPOSTOS****4. Univ. Metodista-SP**

Na frase “As negociações estariam **meio** abertas só **depois** de meio período de trabalho”, as palavras destacadas são, respectivamente:

- a) adjetivo, adjetivo
- b) advérbio, advérbio
- c) advérbio, adjetivo
- d) numeral, adjetivo
- e) numeral, advérbio

**5. UFC-CE**

A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

- a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
- b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
- c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
- d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

**6. Enem**

C7-H22

**Texto I**

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

**Texto II**

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado,

precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, David. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004. Adaptado.

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

**7. Sistema Dom Bosco** – Redija uma redação dissertativa-argumentativa com, no mínimo 20 linhas e no máximo 30, sobre o tema da atividade 1: “Refugiados no Brasil, até onde vão as fronteiras?”

Utilize como base o esquema argumentativo e a norma culta. O texto também não pode ferir os Direitos Humanos.

**ESTUDO PARA O ENEM****8. Enem**

C7-H22

No Brasil, a condição cidadã, embora dependa da leitura e da escrita, não se basta pela enunciação do direito, nem pelo domínio desses instrumentos, o que, sem dúvida, viabiliza melhor participação social. A condição cidadã depende, seguramente, da ruptura com o ciclo da pobreza, que penaliza um largo contingente populacional.

MEC. *Formação de leitores e construção da cidadania* – Memória e presença do PROLE. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional: ProLer, 2008.

Ao argumentar que a aquisição das habilidades de leitura e escrita não são suficientes para garantir o exercício da cidadania, o autor

- a) critica os processos de aquisição da leitura e da escrita.
- b) fala sobre o domínio da leitura e da escrita no Brasil.
- c) incentiva a participação efetiva na vida da comunidade.
- d) faz uma avaliação crítica a respeito da condição cidadã do brasileiro.
- e) define instrumentos eficazes para elevar a condição social da população do Brasil.

## 20

# CONCLUSÃO DO TEXTO DISSERTATIVO- -ARGUMENTATIVO

- Conclusão dedutiva
- Conclusão reiterativa
- Proposta de intervenção

## HABILIDADES

- Compreender a função da conclusão na estrutura do texto dissertativo-argumentativo.
- Reconhecer a coerência da conclusão.
- Identificar os diferentes tipos de conclusão.

## COMO TERMINAR UMA DISSERTAÇÃO



“Não existe argumentação sem conclusão, que decorre naturalmente das provas ou argumentos apresentados.”  
(GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007. p. 386.)

Já analisamos nos módulos anteriores a construção da introdução e do desenvolvimento de um texto dissertativo-argumentativo. Neste módulo, abordaremos o último elemento deste gênero: a conclusão.

Engana-se quem pressupõe que a conclusão é menos importante que o restante do texto. É nessa etapa do texto que as premissas ou argumentos de uma ideia são concluídos explicitamente ou reiterados. Por isso, a conclusão deve necessariamente vir no último parágrafo do texto e não deve conter novas ideias ou informações – caso contrário, o trecho vai aparentar ser mais um parágrafo de desenvolvimento, e o texto ficará sem conclusão.

Não existe apenas uma forma de estruturar uma conclusão. Isso depende não só das preferências do autor, mas das exigências da prova a qual o tema pertence. Observe a seguir três possibilidades de finalizar um texto de forma coerente.

## CONCLUSÃO DEDUTIVA

Explicitar a tese que pode ser inferida a partir dos argumentos apresentados ao longo do texto.



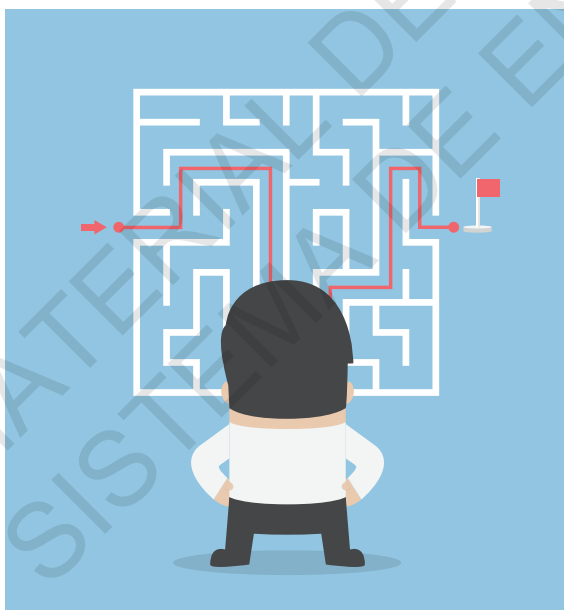
Um texto com tese apenas ao final da argumentação se assemelha a um silogismo: os argumentos são premissas das quais podemos inferir uma conclusão.

Veja este exemplo:

*O altruísmo e o pensamento a longo prazo mostram-se, portanto, em declínio na sociedade contemporânea. Se, por um lado, as novas possibilidades científicas e tecnológicas asseguram nossa longevidade, de nada adianta, por outro lado, manter velhos comportamentos em relação ao meio ambiente desconsiderando a sobrevivência e o bem-estar das futuras gerações.*

## CONCLUSÃO REITERATIVA

**Reiterar**, de preferência com outras palavras, a tese enunciada na introdução, sintetizando o percurso argumentativo.



Para um texto cuja tese está clara na introdução, pode-se adotar como conclusão a paráfrase da tese juntamente com a síntese do percurso argumentativo.

Veja o exemplo:

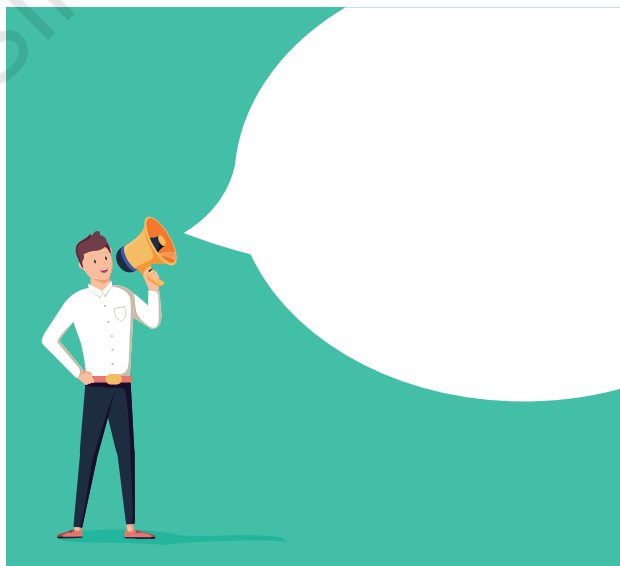
*Percebe-se que tanto a falta de valorização do professor nos dias atuais quanto a distância entre a*

*escola e a família são, portanto, indícios da falência da educação no Brasil. Todas as formas de violência com os docentes assim como a relação clientelista estabelecida por muitos dos responsáveis pelos alunos contribuem para a manutenção da ideia de que, no Brasil, a crise na educação brasileira é, na realidade, um projeto demofóbico.*

## PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

**Sugerir propostas**, de modo assertivo, para ajudar a resolver problemas levantados na argumentação. Esse tipo de conclusão é a 5ª competência da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Para que o texto receba 200 pontos nessa competência (Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os Direitos Humanos), a conclusão deve ter pelo menos 4 elementos coerentes entre si e com a argumentação:

- **AGENTE(S)** ou atores sociais responsáveis pelas ações sugeridas; podem ser órgão oficiais (como ministérios e secretarias), organizações não governamentais ou instâncias internacionais (como a Organização das Nações Unidas – ONU);
- **AÇÃO(ÕES)** plausíveis para solucionar ou amenizar os problemas levantados na argumentação;
- **MEIO(S) DE EXECUÇÃO** detalhado(s) da(s) ação(ões) citadas;
- **EFEITO(S) OU FINALIDADE(S)** da(s) ação(ões) para reiterar sua relação com a argumentação.



Na redação do Enem, a conclusão deve ser uma proposta de intervenção.

Veja este exemplo:

*Diante da violência sofrida pelas mulheres, é imprescindível não só a manutenção das políticas públicas voltadas para sua proteção mas é preciso intensificar a divulgação dos direitos das mulheres. A atual Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres do Ministério dos Direitos Humanos deve ampliar o alcance da propagação de iniciativas como a Lei Maria da Penha e a recente Lei*



*do Femicídio por meio de anúncios na televisão aberta e em sites de ampla audiência como o YouTube. Já o Estado, em níveis federal, estadual e municipal, deve aumentar não só o número de delegacias especializadas em crimes contra as mulheres, mas também a quantidade de agentes femininas cuidando desses casos. Assim, as mulheres poderão se sentir protegidas tanto pelo discurso que circula na mídia quanto ao recorrer à polícia.*

## CUIDADOS AO COMPOR A CONCLUSÃO

- Não redija uma conclusão de forma impositiva. O tom de apelo, de doutrinação, leva frequentemente ao lugar-comum, beirando o exagero.
- Não apresente dados, informações novas. Se é conclusão, deve encerrar o que já foi desenvolvido, e não abrir caminho para nova discussão.
- Não conclua inexpressivamente, no intuito de comover ou despertar comoção no corretor. O

excesso de humildade muitas vezes diminui o valor do próprio trabalho, influenciando negativamente no resultado final.

- A passagem do desenvolvimento para a conclusão é uma questão de estilo, porém, há algumas palavras ou expressões que estabelecem o elo necessário e coerente entre esses dois momentos. É o caso, sobretudo, da conjunção conclusiva **portanto**.
- Após concluir a argumentação – explicitando ou reiterando a tese, ou ainda apresentando proposta de intervenção –, para que o texto não termine de forma abrupta, é interessante fechá-lo retomando alguma referência utilizada na apresentação do tema (no 1º parágrafo) ou nos argumentos. No exemplo de proposta de intervenção anterior, o último parágrafo retoma aspectos possivelmente trabalhados na argumentação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

**ROTEIRO DE AULA****CONCLUSÃO****Parte do texto em que**

convergem todas as ideias anteriores, tendo como principal função encerrar a ar-

gumentação.

**Há três tipos básicos de conclusão:**

explicitação, retomada e proposição.

**Explicitar a tese é**

formular de modo sintético a ideia que decorre da argumentação.

**Retomar a tese é**

repeti-la preferencialmente com outras palavras e sintetizar o caminho usado para

se chegar a ela.

**No Enem, é necessário propor**

ações de modo detalhado para que sejam plausíveis aos problemas abordados ao

longo da argumentação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

## 1. Enem

C7-H22

Encontrando base em argumentos supostamente científicos, o mito do sexo frágil contribuiu historicamente para controlar as práticas corporais desempenhadas pelas mulheres. Na história do Brasil, exatamente na transição entre os séculos XIX e XX, destacam-se os esforços para impedir a participação da mulher no campo das práticas esportivas. As desconfiças em relação à presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de masculinizar o corpo feminino pelo esforço físico intenso. Em relação ao futebol feminino, o mito do sexo frágil atuou como obstáculo ao consolidar a crença de que o esforço físico seria inapropriado para proteger a feminilidade da mulher “normal”. Tal mito sustentou um forte movimento contrário à aceitação do futebol como prática esportiva feminina. Leis e propagandas buscaram desacreditar o futebol, considerando-o inadequado à delicadeza. Na verdade, as mulheres eram consideradas incapazes de se adequar às múltiplas dificuldades do “esporte-rei”.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. O Preconceito no futebol feminino: uma revisão sistemática. *Movimento*, Porto Alegre, n.1, 2013. Adaptado.

No contexto apresentado, a relação entre a prática do futebol e as mulheres é caracterizada por um

- a) argumento biológico para justificar desigualdades históricas e sociais.
- b) discurso midiático que atua historicamente na desconstrução do mito do sexo frágil.
- c) apelo para a preservação do futebol como uma modalidade praticada apenas pelos homens.
- d) olhar feminista que qualifica o futebol como uma atividade masculinizante para as mulheres.
- e) receio de que sua inserção subverta o “esporte-rei” ao demonstrarem suas capacidades de jogo.

O texto apresentado contextualiza a relação da mulher e o futebol na sociedade no período de transição do século XIX e XX, sendo nesta época utilizado um argumento biológico ressaltando a suposta fragilidade da mulher diante um esporte que requer esforço intenso, justificando desigualdades históricas de gênero.

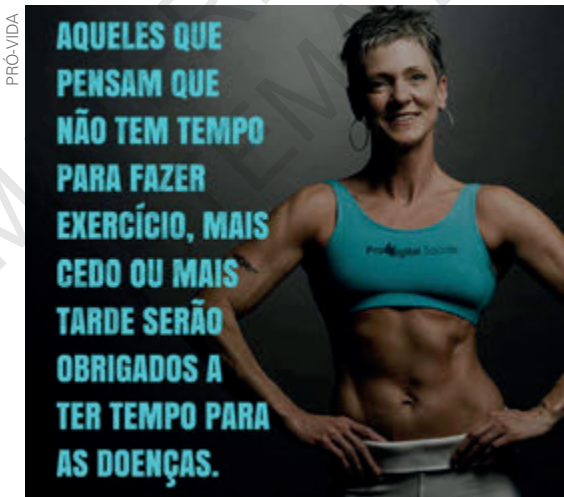
**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

## 2. Enem

C7-H22

## Texto I



Disponível em: <<http://revistaiqb.usac.edu.gt>>. Acesso em: 25 abr. 2018. Adaptado. Acesso em: 25 abr. 2018. Adaptado.

## Texto II

Imaginemos um cidadão, residente na periferia de um grande centro urbano, que diariamente acorda às 5h para trabalhar, enfrenta em média 2 horas de transporte público, em geral lotado, para chegar às 8h no trabalho. Termina o expediente às 17h e chega em casa às 19h para, aí sim, cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos, etc. Como dizer a essa pessoa que ela deve praticar exercícios, pois é importante para sua saúde? Como ela irá entender a mensagem da importância do exercício físico? A probabilidade de essa pessoa praticar exercícios regularmente é significativamente menor que a de pessoas da classe média/alta que vivem outra realidade. Nesse caso, a abordagem individual do problema tende a fazer com que a pessoa se sinta impotente em não conseguir praticar exercícios e, consequentemente, culpada pelo fato de ser ou estar sedentária.

FERREIRA, Marcos Santos. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n.2, jan. 2001. Adaptado.

O segundo texto, que propõe uma reflexão sobre o primeiro acerca do impacto de mudanças no estilo de vida na saúde, apresenta uma visão

- a) medicalizada, que relaciona a prática de exercícios físicos por qualquer indivíduo à promoção da saúde.
- b) ampliada, que considera aspectos sociais intervenientes na prática de exercícios no cotidiano.
- c) crítica, que associa a interferência das tarefas da casa ao sedentarismo do indivíduo.
- d) focalizada, que atribui ao indivíduo a responsabilidade pela prevenção de doenças.
- e) geracional, que preconiza a representação do culto à jovialidade.

O texto I culpabiliza e responsabiliza o indivíduo pela falta de tempo para praticar exercícios mostrando a consequência de ter doenças. O texto II amplia a discussão trazendo o viés do privilégio de classe, citando um indivíduo de classe mais baixa que tem a rotina pesada de trabalho e tarefas domésticas e, realmente, não tem tempo hábil para a prática de exercícios.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

## 3. Enem

C7-H22

Na sociologia e na literatura, o brasileiro foi por vezes tratado como cordial e hospitaleiro, mas não é isso o que acontece nas redes sociais: a democracia racial apreçoada por Gilberto Freyre passa ao largo do que acontece diariamente nas comunidades virtuais do país. Levantamento inédito realizado pelo projeto *Comunica que Muda* [...] mostra em números a intolerância do internauta tupiniquim. Entre abril e junho, um algoritmo vasculhou plataformas [...] atrás de mensagens e textos sobre temas sensíveis, como racismo, posicionamento político e homofobia. Foram identificadas 393 284 menções, sendo 84% delas com abordagem negativa, de exposição do preconceito e da discriminação.

Disponível em: <<https://oglobo.com.globo.com>>. Acesso em: 6 dez 2017. Adaptado.

Ao abordar a postura do internauta brasileiro mapeada por meio de uma pesquisa em plataformas virtuais, o texto

- a) minimiza o alcance da comunicação digital.
- b) refuta ideias preconcebidas sobre o brasileiro.
- c) relativiza responsabilidades sobre a noção de respeito.
- d) exemplifica conceitos contidos na literatura e na sociologia.
- e) expõe a ineficácia dos estudos para alterar tal comportamento.

O texto inicia falando sobre uma visão do brasileiro de “cordial e hospitaleiro”, mas refuta tal ideia mostrando dados de pesquisas feitas que apontam que 84% de 393 284 mensagens e textos sobre homoafetividade e questões étnicas tem cunho discriminatório e preconceituoso.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

## 4. Enem

C7-H22

**Enquanto isso, nos bastidores do universo**

Você planeja passar um longo tempo em outro país, trabalhando e estudando, mas o universo está preparando a chegada de um amor daqueles de tirar o chão, um amor que fará você jogar fora seu atlas e criar raízes no quintal como se fosse uma figueira.

Você treina para a maratona mais desafiadora de todas, mas não chegará com as duas pernas intactas na hora da largada, e a primeira perplexidade será esta: a experiência da frustração.

O universo nunca entrega o que promete. Aliás, ele nunca prometeu nada, você é que escuta vozes.

No dia em que você pensa que não tem nada a dizer para o analista, faz a revelação mais bombástica dos seus dois anos de terapia. O resultado de um exame de rotina coloca sua rotina de cabeça para baixo. Você não imaginava que iriam tantos amigos à sua festa, e tampouco imaginou que justo sua grande paixão não iria. Quando achou que estava bela, não arrasou corações. Quando saiu sem maquiagem e com uma camiseta puída, chamou a atenção. E assim seguem os dias à prova de planejamento e contrariando nossas vontades, pois, por mais que tenhamos ensaiado nossa fala e estejamos preparados para a melhor cena, nos bastidores do universo alguém troca nosso papel de última hora, tornando surpreendente a nossa vida.

MEDEIROS, Martha. *O Globo*, 21 jun. 2015.

Entre as estratégias argumentativas utilizadas para sustentar a tese apresentada nesse fragmento, destaca-se a recorrência de

- estruturas sintáticas semelhantes, para reforçar a velocidade das mudanças da vida.
- marcas de interlocução, para aproximar o leitor das experiências vividas pela autora.
- formas verbais no presente, para exprimir reais possibilidades de concretização das ações.
- construções de oposição, para enfatizar que as expectativas são afetadas pelo inesperado.
- sequências descritivas, para promover a identificação do leitor com as situações apresentadas.

## 5. Enem

C7-H22

**Farejador de Plágio: uma ferramenta contra a cópia ilegal**

No mundo acadêmico ou nos veículos de comunicação, as cópias ilegais podem surgir de diversas maneiras, sendo integrais, parciais ou paráfrases. Para ajudar a combater esse crime, o professor Maximiliano Zambonato Pezzin, engenheiro de computação, desenvolveu junto com os seus alunos o programa Farejador de Plágio.

O programa é capaz de detectar: trechos contínuos e fragmentados, frases soltas, partes de textos reorganizadas, frases reescritas, mudanças na ordem dos períodos e erros fonéticos e sintáticos.

Mas como o programa realmente funciona? Considerando o texto como uma sequência de palavras, a ferramenta analisa e busca trecho por trecho nos *sites* de busca, assim como um professor desconfiado de um aluno faria. A diferença é que o programa permite que se pesquise em vários buscadores, gerando assim muito mais resultados.

OLIVEIRA, Ana; ARANTES, Bianca; NOSRALLA, Flavia; NOVAIS, Moema. Farejador de Plágio: uma ferramenta contra a cópia ilegal. *Repórter Unesp*, 16 abr. 2015. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br>>. Acesso em: mar. 2019.

Segundo o texto, a ferramenta Farejador de Plágio alcança seu objetivo por meio da

- seleção de cópias integrais.
- busca em *sites* especializados.
- simulação da atividade docente.
- comparação de padrões estruturais.
- identificação de sequência de fonemas.

## 6. Unesp

Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão abaixo:

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus (Pequeno comentário)*. Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



De acordo com o texto,

- a) a exemplo de Aristarco, Copérnico concebeu um Universo cujo centro era ocupado pelo Sol.
- b) Copérnico contribuiu decisivamente para a propagação de sua nova concepção do Universo.
- c) a originalidade do pensamento de Copérnico foi ter colocado o Sol no centro do Universo.
- d) em sua concepção do Universo, Copérnico apropriou-se do dogma platônico do movimento circular uniforme dos corpos celestes.
- e) tanto Copérnico quanto Ptolomeu podem ser considerados exemplos de heróis relutantes.

## 7. FGV-SP

### Texto I

#### **A lei da anistia é irrevogável. Reabertura do tema não tem chance de êxito no STF**

Em 31 de março de 1964, as Forças Armadas brasileiras derrubaram o governo Jango. Diversos partidos apoiaram a intervenção militar, e os mais importantes jornais brasileiros (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e outros) aplaudiram o movimento, considerando-o necessário para preservar as instituições.

Surgiu, à época, prolongando-se até 1971, uma ação guerrilheira contra o regime militar. Muitos de seus participantes pretendiam instalar uma ditadura semelhante à cubana no país. Houve violência, de lado a lado, com torturas e mortes por parte das autoridades e atos terroristas por parte dos opositores, inocentes civis tendo sido sacrificados nesse embate.

Quando a rebelião armada perdeu força e os jornais foram censurados, as vozes que passaram a ser ouvidas, na luta pela redemocratização brasileira, foram as dos advogados. Liderados pela figura maiúscula de Raymundo Faoro (1925-2003), não só conseguiram gradativamente pavimentar o caminho para a redemocratização sem sangue como trazer para a vida pública aqueles opositores à mão armada, que mataram, segundo dados oficiais, 129 civis e militares no período.

A lei da anistia de nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, redigida por Raymundo Faoro, colocou uma pá de cal naquelas lutas fratricidas, anistiando guerrilheiros e autoridades. Permitiu que o Brasil, de 1979 a 1985, caminhasse para a democracia, finalmente consolidada.

Ao ser levantada a tese de que teria a lei que ser revista, a partir da eleição do presidente Lula, o Supremo Tribunal Federal decidiu que ela era irrevogável. O governo de então, em que grande parte dos opositores ao regime militar assumiu cargos de relevância, estabeleceu uma Comissão denominada “da Verdade”, para apuração dos crimes do período. Da verdade parcial, pois os crimes dos guerrilheiros não foram apurados. Pretenderam, seus membros, a revogação da lei da anistia, sob o argumento de ser imprescritível o crime de tortura. Parece-me que a pretendida reabertura do tema à luz de um relatório da CIA continua, do ponto de vista jurídico, a não ter a menor possibilidade de êxito junto ao Supremo, em face da clareza da Carta sobre a matéria e das decisões daquela Corte, que continua respeitando o disposto na Constituição, em seu artigo 5º, inciso XXXVI, cuja dicção é a seguinte: “A lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada;”

MARTINS, Ives Gandra da Silva. *Folha de S. Paulo*, 19 maio 2018. Adaptado.

### Texto II

#### **Civilização ou barbárie. País deve rever passado e julgar agentes da repressão**

“Tive os meus filhos sequestrados e levados para sala de tortura, na Operação Bandeirante. [Ela] com cinco anos e [Ele] com quatro anos de idade. [...] Inclusive, eu sofri uma violência, ou várias violências sexuais. Toda nossa tortura era feita [com] as mulheres nuas. [...] E os meus filhos me viram dessa forma.” (Depoimento de vítima da repressão prestado em 2013 à CNV e à CV-ALESP). Situações de horror como esta se multiplicam ao longo do relatório da CNV (Comissão Nacional da Verdade), concluído em 2014 e que registra a prática de execuções, desaparecimentos forçados, ocultação de cadáveres e tortura durante a ditadura militar, que se prolongou no Brasil de 1964 a 1985.

Ao apurar essas graves violações de direitos humanos, a CNV concluiu que “elas foram o resultado de uma ação generalizada e sistemática do Estado brasileiro”. “Na ditadura militar, a repressão e a eliminação de opositores se converteram em política de Estado, concebida e implementada a partir de decisões emanadas da Presidência da República e dos ministérios militares.” Diante da abundância de provas, a CNV indicou, entre as recomendações do relatório, a “determinação, pelos órgãos competentes, da responsabilidade jurídica – criminal, civil e administrativa – dos agentes públicos que deram causa às graves violações de direitos humanos ocorridas no período investigado pela CNV.

A CNV “considerou que a extensão da anistia a esses agentes públicos é incompatível com o direito brasileiro e a ordem jurídica internacional, pois tais ilícitos, dadas a escala e a sistematicidade com que foram cometidos, constituem crimes contra a humanidade, imprescritíveis e não passíveis de anistia”. A medida de julgamento dos agentes públicos envolvidos na repressão já havia sido determinada ao Estado brasileiro por meio de decisão de 2010 da Corte Interamericana de Direitos Humanos.

O fundamental é que a civilização prevaleça sobre a barbárie e o Brasil deixe a condição vergonhosa de ser a única exceção entre os países da América Latina — que olhando de frente para o seu passado, julgaram os agentes da repressão, promovendo a justiça e a democracia.

DIAS, José Carlos; KEHL, Maria Rita; PINHEIRO, Paulo Sérgio; DALLARI, Pedro; CARDOSA, Rosa. *Folha de S. Paulo*, 19 maio 2018. Adaptado.

Um documento do governo americano (CIA) recentemente (2018) localizado pelo professor da FGV Matias Spektor revelou que assassinatos de opositores da ditadura militar no Brasil (1964-1985) eram autorizados pelo próprio presidente da república na época, Ernesto Geisel. A divulgação desse documento reacendeu o debate a respeito da legitimidade da chamada lei da anistia (1979), que anistiou da mesma forma tanto os crimes atribuídos aos opositores do regime quanto os atribuídos aos agentes do Estado, encarregados da repressão. Esse debate, que nunca se extinguiu, continua vivo e aparece nos dois textos acima reproduzidos, nos quais se manifestam pontos de vista opostos quanto à necessidade de se rever a dita lei da anistia, de modo a permitir a responsabilização dos referidos agentes do Estado que praticaram graves infrações aos direitos humanos. Com base nas ideias neles apresentadas, bem como em outras informações que você julgue importantes, redija uma dissertação em prosa sobre o tema: **A lei da anistia deve ser revista?**

## ESTUDO PARA O ENEM

## 8. Enem (adaptado)

C7-H22

## Texto I

Às segundas-feiras pela manhã, os usuários de um serviço de música digital recebem uma lista personalizada de músicas que lhe permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de outros aplicativos e redes sociais, este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constrói uma máquina de sugestões que não costuma falhar. O sistema se baseia em um algoritmo cuja evolução e usos aplicados ao consumo cultural são infinitos. De fato, plataformas de transmissão de vídeo *on-line* começam a desenhar suas séries de sucesso rastreando o banco de dados gerado por todos os movimentos dos usuários para analisar o que os satisfaz. O algoritmo constrói assim um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor, que pode avançar até chegar sempre a lugares reconhecíveis. Dessa forma, a filtragem de informação feita pelas redes sociais ou pelos sistemas de busca pode moldar nossa maneira de pensar. E esse é o problema principal: a ilusão de liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos.

VERDÚ, Daniel. O gosto na era do algoritmo. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com>>. Acesso em: 11 jun. 2018. Adaptado.

## Texto II

Nos sistemas dos gigantes da internet, a filtragem de dados é transferida para um exército de moderadores em empresas localizadas do Oriente Médio ao Sul da Ásia, que têm um papel importante no controle daquilo que deve ser eliminado da rede social, a partir de sinalizações dos usuários. Mas a informação é então processada por um algoritmo, que tem a decisão final. Os algoritmos são literais. Em poucas palavras, são uma opinião embrulhada em código. E estamos caminhando para um estágio em que é a máquina que decide qual notícia deve ou não ser lida.

ESCOBAR, Pepe. A silenciosa ditadura do algoritmo. Disponível em: <<http://outraspalavras.net>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

## Texto III

Mudanças sutis nas informações às quais somos expostos podem transformar nosso comportamento. As redes têm selecionado as notícias sob títulos chamativos como “*trending topics*” ou critérios como “*relevância*”. Mas nós praticamente não sabemos como isso tudo é filtrado. Quanto mais informações relevantes tivermos nas pontas dos dedos, melhor equipados estamos para tomar decisões. No entanto, surgem algumas tensões fundamentais: entre a convivência e a deliberação; entre o que o usuário deseja e o que é melhor para ele; entre a transparência e o lado comercial. Quanto mais os sistemas souberem sobre você em comparação ao que você sabe sobre eles, há mais riscos de suas escolhas se tornarem apenas uma série de reações a “*cutucadas*” invisíveis. O que está em jogo não é tanto a questão “homem *versus* máquina”, mas sim a disputa “*decisão informada versus* obediência influenciada”.

CHATFIELD, Tom. Como a internet influencia secretamente nossas escolhas. Disponível em: <[www.bbc.com](http://www.bbc.com)>. Acesso em: 3 jun. 2017. Adaptado.

## Texto IV

Internet no Brasil em 2016 <sup>(1)</sup>

## Utilização da Internet

64,7 % das pessoas de 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet.



Cerca de 85 % dos jovens de 18 a 24 anos de idade e 25 % das pessoas de 60 anos ou mais de idade utilizaram a Internet.

Cerca de 75 % das pessoas de 10 anos ou mais de idade que não acessaram a Internet não o fizeram por não saberem usá-la ou por falta de interesse.

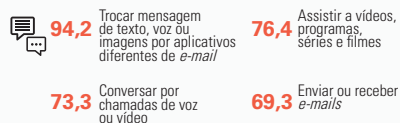
(1) Pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet em qualquer local.

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

## Equipamento utilizado para acessar a Internet (%)



## Finalidade do acesso à Internet (%)



IBGE. Internet no Brasil em 2016. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: mar. 2019.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

## 21

## COMENTÁRIO

- Características do gênero comentário
- Redes sociais

**HABILIDADES**

- Compreender a função comunicativa do gênero comentário.
- Reconhecer as estruturas do comentário.
- Identificar o que são hipertextos.
- Analisar o gênero comentário nas redes sociais.



NEYRO2008/ISTOCKPHOTO

Produzimos comentários a todo o momento e sobre todos os assuntos: da previsão do tempo à situação política do país, do trânsito ao resultado do jogo de futebol, até mesmo sobre outros comentários.

**(co.men.tá.ri.o)**

*s. m.*

1. Apreciação, análise, opinião expressas sobre um fato, uma situação, uma circunstância etc.
2. Observação crítica, nota ou conjunto de notas, em forma oral ou escrita, que se faz sobre texto, filme, obra de arte etc.
3. Interpretação mais ou menos maliciosa que se dá aos atos ou às palavras de outrem.
4. **Jur.** Conjunto de notas com que se comenta o texto de uma lei, de um regulamento etc.
5. **Ling.** Parte de uma sentença que diz algo acerca de outro elemento nela presente [Cf., nesta acp.: *tópico* (Informação...)].
6. **Inf.** Trecho de texto de um *script* que é só um esclarecimento, não constituindo comando ou instrução.

[F.: Do lat. *commentarium*.]

*Aulete [on-line].* Disponível em: <[www.aulete.com.br/comentário](http://www.aulete.com.br/comentário)>. Acesso em: jan. 2019.

O gênero comentário faz parte do domínio jornalístico e das sequências discursivas argumentativas. Isso significa que ele é um texto opinativo. O autor sempre é identificado e procura, por meio de explicações e posicionamentos, explanar sua perspectiva e conhecimento sobre determinado assunto ou fato. O comentarista se atém aos detalhes para que o leitor entenda melhor a opinião daquele sobre o que está discutindo.

Algumas perguntas são necessárias ao se elaborar um comentário: o que o texto diz? Como diz? Estes questionamentos são base para estruturar um comentário, pois só é possível desenvolver uma opinião sobre um texto a partir de sua total compreensão.

Comentário não é um resumo do texto e sim, a exposição de um ponto de vista.

## CARACTERÍSTICAS DO COMENTÁRIO

Diferente de uma dissertação, que é desenvolvida de acordo com um tema, o comentário é obrigatoriamente feito com base em outro texto ou fato, estabelecendo uma relação de diálogo. Pode ser composto tanto em 1ª quanto em 3ª pessoa. A linguagem geralmente utilizada é formal, porém, dependendo do veículo de comunicação e do tipo de interlocutor, é possível adaptá-lo a uma linguagem mais informal.

Para que um comentário seja coerente e cumpra a sua função comunicativa é importante seguir os seguintes passos de estruturação.

- ✓ Apresentar uma síntese sobre o assunto do texto ou sobre o fato.
- ✓ Desenvolver a argumentação a partir do ponto de vista do assunto abordado.
- ✓ Analisar e relacionar suas ideias expressas com o fato ou o texto, fazendo citações adequadamente.

SHENDART/ISTOCKPHOTO



Ao formular um comentário, é importante adequar os modos de citação. Se as palavras são exatamente as mesmas do original, usamos aspas; caso contrário, o ideal é parafrasear.

Dessa forma dialógica o leitor toma contato de forma coerente com o objeto do comentário e com a opinião acerca dele. Comentários sem fundamento, com pouco nível de conhecimento do assunto ou com linguagem grosseira e ofensiva, não são aceitos para estabelecer diálogos.

Veja abaixo exemplos de comentário. Eles fazem parte do editorial que serve de base para o exercício 5 deste módulo:

## Comentários para:

### Uma nova crise?

Os comentários não representam a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem.

#### CARLOS FIGUEIREDO

10.set.2018 às 17h02

O problema é a superprodução! A solução vem sendo o crescimento dos ativos financeiros. Para segurar a grande bolha, mobilizamos o Estado e a arrecadação pública é desviada para finanças empresariais. Onde está o ministro da economia?!

Responda

2

Denuncie

#### JOSÉ DUTRA

10.set.2018 às 10h34

Uma das origens dessa crise global foram os bilhões de dólares e euros aportados na compra de títulos pouco relacionados à produção de bens – eram mera especulação. Houve estagnação da distribuição da renda com a produção centralizada com grandes quantidades que impediram a produção local e com a queda na oferta de empregos. É necessário avaliar os fatores que geram falta de atividade e precarizam as condições de produção.

Responda

0

Denuncie

#### MARIA DA SILVA

10.set.2018 às 9h13

Antigamente, o desabastecimento de bens de consumo causava crise. Modernamente, no âmbito econômico ocorre de modo diverso: o exagero tanto da produção quanto da oferta de produtos é a causa de crises como essa de 2008. Muito imóveis disponíveis quando poucos alcançavam renda mínima para financiá-los. O desafio é conciliar a falta de racionalidade em que o excedente produzido coexiste com a falta perene na base da pirâmide da nossa sociedade.

Responda

1

Denuncie

Adiante a leitura do editorial presente na página 47 e perceba como estes breves comentários retomam e ampliam o texto, relacionando-os com notícias e, principalmente, denotando posicionamentos diversos. Esse tipo de interação é cada vez mais comum nos grandes jornais e também nas redes sociais. Repare como é possível, além de responder ao comentário, curtir (dando uma aprovação quantitativa ao texto) e denunciar caso o autor incorra em preconceitos ou insultos, que nada têm a acrescentar ao debate.



## AS REDES SOCIAIS E O GÊNERO COMENTÁRIO EM ASCENSÃO

Atualmente, o comentário tem sido reproduzido, em sua maioria, via redes sociais. Para entender a ascensão e mudança pela qual está passando esse gênero, devemos lembrar que a linguagem é um organismo vivo, que vai se transformando de acordo com a sua utilização e as tecnologias vinculadas a ela.

As redes sociais e os *websites* oferecem campos semânticos diversos para seus leitores, pois há textos escritos, artes gráficas, fotos, ilustrações, vídeos e *links*. Com isso, o indivíduo que navega na internet não tem uma visão linear: ele pode escolher, de acordo com suas interpretações dos significados que estão ali sendo reproduzidos, qual caminho seguir para continuar acompanhando o conteúdo oferecido pela página. Diferentemente de um texto falado, o texto escrito acaba por ser mais complexo, pois perde-se a entonação, o tom da voz, as pausas da fala, os gestos, e só resta a leitura e interpretação do que está sendo lido. Por exemplo: a diferença entre, na TV, um comentarista de futebol debatendo um jogo enquanto ele ocorre, com todas as emoções do momento, e um comentário sobre o mesmo jogo nas redes sociais. Ambos têm a mesma função comunicativa, mas a recepção do interlocutor é diferente.

E, especificamente no meio digital, colaborando para essa navegação não linear e cheia de significação, temos o hipertexto, no qual convergem elementos verbais, imagéticos e sonoros. Isto é, o hipertexto só ocorre digitalmente e faz a aglutinação de diversas linguagens.

Consideramos, por exemplo, uma postagem no Facebook um tipo de hipertexto, pois o leitor pode traçar o seu próprio caminho de leitura e navegação dentro de todas as possibilidades que se encontram na “linha do tempo” da rede. O comentário em uma postagem pode ser considerado um dos graus mais importantes de envolvimento de um sujeito nas redes sociais, pois, além da navegação e da leitura, há uma predisposição para interagir na publicação, criando um

novo texto que reúne toda a bagagem de significados, introduzindo-se num diálogo.



MIKIEV/ISTOCKPHOTO

O surgimento da internet e, mais recentemente, das redes sociais impulsionou a possibilidade de todos comentarem em tempo real notícias de grandes jornais e atualizações de perfis virtuais.

A forma de interagir e se comunicar já mudou e está em constante mutação por conta da sucessivas inovações tecnológicas. Além dos comentários, é possível compartilhar e ainda reagir às postagens - que também criam novas significações -, mostrando as diferentes nuances da interpretação na internet. O comentário é o texto que dá voz aos usuários na rede. Sua construção já não tem um padrão exato; porém, para a função argumentativa, há de se ter cuidado com sua forma e conteúdo: muitos debates digitais, por conterem comentários mal estruturados e incoerentes, não ocorrem de maneira construtiva. Se a intenção do autor é apresentar um ponto de vista claro e abrir-se ao diálogo, é importante que elabore seu texto de maneira respeitadora, clara e com argumentos coerentes.

### LEITURA COMPLEMENTAR

#### A alteridade nos comentários de internet

O gênero comentário *online* é fortemente marcado por uma escrita espontânea. O usuário vê esse gênero como espaço para a expressão de opinião, lugar de autoexpressão. Essa liberdade de expressão dada ao comentarista e a espontaneidade das relações de interação influenciam a organização das relações dialógicas no gênero comentário online. Temos predominantemente um estilo pictórico no tocante à incorporação do discurso citado, ou seja, temos o plurilinguismo, que é a existência simultânea de muitas vozes e linguagens dentro de uma mesma língua. Essas diferentes vozes convivem lado a lado sem, necessariamente, terem suas fronteiras separadas linguisticamente. Isso aponta para o fato de que nesse gênero não há uma voz única que mereça destaque como argumento de autoridade dentro do discurso do comentarista.

Esse é o espaço de autoexpressão/autoexposição do comentarista, que interage com uma segunda pessoa, trazendo para o campo discursivo diferentes vozes sociais. O discurso citado, ou seja, o discurso de outros sujeitos, perpassa o comentário online por meio do plurilinguismo, isto é, as vozes se misturam. A liberdade de expressão, subjetividade, a presença de um público comentarista pertencente a diferentes grupos sociais e a situação de espontaneidade é coerente com o poder do enunciativo de trazer para sua fala diferentes pontos de vista e verdades que coexistem simultaneamente. Nesse caso o espaço do discursocitado com alteridade enunciativa marcada é minimizado dado à organização das interações sociais e funcionamento retórico do gênero que exige um espaço discursivo dinâmico, heterogêneo, ou seja, plurilíngue.

SANTOS, Eliane Pereira dos; ALVES FILHO, Francisco. O plurilinguismo no gênero comentário *online*: encontro e confronto entre muitas vozes sociais. In: *Revista FSA*, Teresina, v. 11, n. 2, art. 16, p. 301-317, abr./jun. 2014.

# ROTEIRO DE AULA

## COMENTÁRIO

### O gênero textual comentário

faz parte do domínio jornalístico e das sequências discursivas argumentativas. Isto é, o comentário é um texto opinativo, ele expressa uma opinião sobre os fatos.

### As características do comentário são

obrigatoriamente feito com base em outro texto ou fato, estabelecendo uma relação de diálogo. Eles podem ser feitos tanto em 1ª ou em 3ª pessoa e com a linguagem adaptada ao veículo e leitor.

### Hipertexto é

um dispositivo textual que pode ser constituído por texto, imagem e efeitos sonoros. É de acordo com os hipertextos que há a navegação e leitura nas redes sociais, ele só pode ocorrer em meio digital.

### O comentário em uma postagem em rede social é

o maior grau de envolvimento de um usuários, pois há uma escolha entre várias possibilidades na navegação, reunindo diferentes significações transformando em diálogo.

## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

## 1. Unicamp-SP

Alguns pesquisadores falam sobre a necessidade de um “letramento racial”, para “reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista”, baseado em fundamentos como o reconhecimento de privilégios, do racismo como um problema social atual, não apenas legado histórico, e a capacidade de interpretar as práticas racializadas. Ouvir é sempre a primeira orientação dada por qualquer especialista ou ativista: uma escuta atenta, sincera e empática. Luciana Alves, educadora da Unifesp, afirma que “Uma das principais coisas é atenção à linguagem. A gente tem uma linguagem sexista, racista, homofóbica, que passa pelas piadas e pelo uso de termos que a gente já naturalizou. ‘A coisa tá preta’, ‘denegrir’, ‘serviço de preto’... Só o fato de você prestar atenção na linguagem já anuncia uma postura de reconstrução. Se o outro diz que tem uma carga negativa e ofensiva, acredite”.

TAB. Gente branca: o que os brancos de um país racista podem fazer pela igualdade além de não serem racistas. *UOL*, 21 maio. 2018.

Segundo Luciana Alves, para combater o racismo e mudar de postura em relação a ele, é fundamental

- ouvir com atenção os discursos e orientações de especialistas e ativistas.
- reconhecer expressões racistas existentes em práticas naturalizadas.
- passar por um “letramento racial” que dispense o legado histórico.
- prestar atenção às práticas históricas e às orientações da educadora.

Segundo a autora, para que se inicie uma mudança na atitudes dos brasileiros quanto ao racismo, é necessário que a sociedade fique atente à “linguagem sexista, racista, homofóbica” que é naturalizada no país.

## 2. Sistema Dom Bosco

Com base no texto da questão anterior, considerando os argumentos dos especialistas sobre o que chamam de “letramento racial”, elabore um comentário de acordo com sua opinião e conhecimento sobre o assunto, respeitando os Direitos Humanos. Leia para os colegas e façam um breve debate sobre o tema.

Comentário de proposta – O comentário deverá ter uma síntese do que foi abordado no texto de Luciana Alves, o ponto de vista a ser apresentado e uma análise e relação entre os textos.

## 3. Unicamp-SP

“ Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado. Recomendo o de Assis. ”

Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 28 mai. 2018.

Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo do bom senso e do senso comum.

Adaptado de “Franz Kafka, carta a Oscar Pollak, 1904.” Disponível em: < https://laboratoriode sensibilidades.wordpress.com>. Acesso em: 28 maio. 2018.

Assinale o excerto que confirma os dois textos anteriores.

- A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – professores, bibliotecários – desempenham um papel político.

LAJOLO, Marisa. *A formação do leitor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996, p. 28.

- Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização, há aumento sensível do hábito de leitura, e portanto difusão crescente das obras.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 187.

- Ler é abrir janelas, construir pontes que ligam o que somos com o que tantos outros imaginaram, pensaram, escreveram; ler é fazer-nos expandidos.

Gilberto Gil, Discurso no lançamento do Ano Ibero-Americano da Leitura, 2004.

- A leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, por que não sonhar os meus próprios sonhos?

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. São Paulo: Ática, 1966, p. 23.

As expressões “abrir janelas” e “construir pontes” estão relacionadas com a ideia da imagem de que ler um livro é uma forma de abrir a mente para novos conhecimentos, como também aponta no trecho do texto apresentado “ler é fazer-nos expandidos”. Estas comparações representam a ideia de formação crítica de um indivíduo e aquisição de conhecimento, ambos pela leitura.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

## 4. Enem

C7-H24

## Tem algo grande aí

Este mês, a reportagem de capa veio do meu umbigo. Ou melhor, veio de um mal-estar que comeci a sentir na barriga. Sou meio italiano, pizzaiolo dos bons, herdei de minha avó uma daquelas velhas máquinas de macarrão à manivela. Cresci à base de farinha de trigo. Aí, do nada, comeci a ter alergias respiratórias que também pareciam estar ligadas à minha dieta. Comeci a peregrinar por médicos. Os exames diziam que não tinha nada errado comigo. Mas eu sentia, pô. Encontrei a resposta numa nutricionista: eu tinha intolerância a glúten e a lactose. *Arrivederci, pizza.* Tchau, cervejinha.

Notei também que as prateleiras dos mercados de repente ficaram cheias de produtos que pareciam ser feitos para mim: leite, queijo e iogurte sem lactose, bolo, biscoito e macarrão sem glúten. E o mais incrível é que esse setor do mercado parece ser o que está mais cheio de gente. E não é só no Brasil. Parece ser em todo Ocidente industrializado. Inclusive na Itália.

O tal glúten está na boca do povo, mas não está fácil entender a real. De um lado, a imprensa popular faz um escarcéu, sem no entanto explicar o tema a fundo. De outro, muitos médicos ficam na defensiva, insinuando que isso tudo não passa de modismo, sem fundamento científico. Mas eu sei muito bem que não é só modismo — eu sinto na barriga.

O tema é um vespeiro — e por isso julgamos que era hora de meter a colher, para separar o joio do trigo e dar respostas confiáveis às dúvidas que todo mundo tem.

BURGIERMAN, Denis Russo. Tem algo grande aí. *Superinteressante*, n. 335, jul. 2014. Adaptado.

O gênero editorial de revista contém estratégias argumentativas para convencer o público sobre a relevância da matéria de capa. No texto, considerando a maneira como o autor se dirige aos leitores, constitui uma característica da argumentação desenvolvida o(a)

- a) relato pessoal, que especifica o debate do assunto abordado.
- b) exemplificação concreta, que desconstrói a generalidade dos fatos.
- c) referência intertextual, que recorre a termos da gastronomia.
- d) crítica direta, que denuncia o oportunismo das indústrias alimentícias.
- e) vocabulário coloquial, que representa o estilo da revista.

## 5. FGV-SP

A marca de dez anos da falência do banco americano Lehman Brothers, evento catalisador da crise financeira que então se espalhava pelo mundo, suscita oportuno debate a respeito de seu legado e da capacidade da economia global para lidar com novos choques.

Do lado positivo, o sistema bancário se mostra mais sólido do que antes. Regulação apertada e maior exigência de capital para o funcionamento das instituições reduzem o risco de novo colapso.

Mas a sombra da crise continua a se projetar, mesmo uma década depois, quando se tem em conta que a maioria

dos 24 países onde houve problemas ainda não retornou à tendência anterior de crescimento da renda, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI).

De modo geral, mesmo nos países ricos, governos em situação financeira mais frágil terão menos espaço para atuar num novo socorro ao setor privado.

Mesmo a estabilidade bancária duramente conquistada pode se mostrar algo ilusória, afinal, na medida em que inovações tecnológicas e a entrada de inéditos participantes no mercado trazem desafios novos para a regulação.

O prognóstico de cooperação internacional numa eventual nova crise tampouco se mostra animador. Se em 2009 houve alinhamento no âmbito do G20, com participação dos países em desenvolvimento, o momento atual é distinto. A competição geopolítica entre EUA e China é um dos fatores a dificultar uma ação coordenada.

Já o Brasil, dez anos depois, ainda se apresenta incapaz de retomar a expansão econômica sustentada. Ao próximo governo, que não pode contar com os ventos favoráveis do quadro externo, só restará a opção de estabilizar sua dívida e recuperar a confiança doméstica.

Editorial. *Folha de S.Paulo*. 10 set. 2018. Adaptado.

Na análise que faz da conjuntura política e econômica nos dez anos passados da crise financeira que se espalhou pelo mundo, o editorial assevera que

- a) a maioria dos países afetados pela crise, como o Brasil, vive um momento de tranquilidade, sem previsão de um choque econômico, uma vez que venceram os desafios relativos à estabilização de suas dívidas, garantindo a recuperação da confiança doméstica e no cenário internacional.
- b) o grande legado deixado pela crise diz respeito à solidez do sistema bancário, que representa redução do risco de novo colapso econômico, garantida também pela atual conjuntura mundial, em que os países se mostram mais propensos a um projeto de cooperação internacional.
- c) a superação da crise que assolou muitos países ao redor do mundo é uma ilusão, considerando-se que, na maioria deles, inclusive os ricos, a economia se mostra estagnada, pois o sistema bancário dessas nações vive com fragilidade, sem perspectiva de expansão econômica.
- d) o fantasma de uma crise ainda ronda os países, considerando-se que, na maioria dos afetados, a tendência anterior de crescimento de renda não foi restabelecida, além de haver uma conjuntura que sinaliza para dificuldades de enfrentamento de um novo período de incertezas econômicas.
- e) a ilusória estabilidade bancária representa uma ameaça à saúde econômica dos países afetados pela crise, que se mostram sem condições de expandir suas economias em função da competição geopolítica entre EUA e China, apesar da possibilidade de alinhamento no âmbito do G20, como em 2009.

## 6. Enem

C6-H18

**ABL lança novo concurso cultural: “Conte o conto sem aumentar um ponto”**

Em razão da grande repercussão do concurso de Microcontos do Twitter da ABL, o Abletras, a Academia Brasileira de Letras lançou no dia do seu aniversário de 113 anos um novo concurso cultural intitulado “Conte o conto sem aumento um ponto”, baseado na obra A cartomante, de Machado de Assis.

“Conte o conto sem aumento um ponto” tem como objetivo dar um final distinto do original ao conto A cartomante, de Machado de Assis, utilizando-se o mesmo número de caracteres – ou inferior – que Machado concluiu seu trabalho, ou seja, 1 778 caracteres.

Vale ressaltar que, para participar do concurso, o concorrente deverá ser seguidor da Twitter da ABL, o Abletras.

Disponível em: <www.academia.org.br>. Acesso em: 18 out. 2015

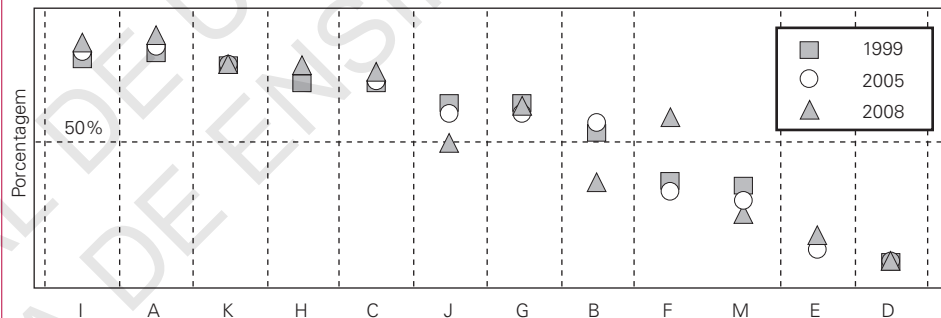
O Twitter é reconhecido por promover o compartilhamento de textos. Nessa notícia, essa rede social foi utilizada como veículo/suporte para um concurso literário por causa do(a)

- a) limite predeterminado de extensão do texto.
- b) interesse pela participação de jovens.
- c) atualidade do enredo proposto.
- d) fidelidade a fatos cotidianos.
- e) dinâmica da sequência narrativa.

## 7. Unicamp-SP

Imagine-se como um **jovem** que, navegando pelo *site* da MTV, se depara com o **gráfico “Os valores de uma geração”** da pesquisa *Dossiê MTV Universo Jovem*, e resolve comentar os dados apresentados, por meio do “fale conosco” da **emissora**. Nesse **comentário**, você, necessariamente, deverá:

- a) comparar os três anos pesquisados, indicando **dois (2) valores relativamente estáveis e duas (2) mudanças significativas de valores**;
- b) manifestar-se no sentido de **reconhecer-se ou não** no perfil revelado pela pesquisa.



I - Viver em uma sociedade mais segura, menos violenta.

G - Ter uma vida tranquila, sem correrias, sem estresse.

A - Ter união familiar, boa relação familiar.

B - Divertir-se, aproveitar a vida.

K - Ter uma carreira, uma profissão, um emprego.

F - Ter independência financeira/ Ter mais dinheiro do que já tem.

H - Viver num país com menos desigualdade social/  
Viver numa sociedade mais justa.

M - Poder comprar o que quiser, poder comprar mais.

C - Ter fé/ Crer em Deus.

E - Ter mais liberdade do que já tem.

J - Ter amigos.

D - Beleza física/ Ser bonito.



## 8. Enem

C1-H1

### REAÇÕES CELÍACAS AO LER UM RÓTULO SEM GLÚTEN



Não  
Contém  
Glúten  
:)  
CURTI!



Sem  
Glúten  
e com  
Sabor  
AMEI!



Sem  
Glúten  
e  
Barato  
HAHA!



Sem  
Glúten  
Barato e  
Gostoso  
UAU!



Sem  
Glúten  
mas pode  
conter traços  
TRISTE!



Rótulo  
tá todo  
errado  
:(  
GRR!

Disponível em: <[www.facebook.com/omeusegredinho](http://www.facebook.com/omeusegredinho)> Acesso em: 9 dez. 2017. Adaptado.

Essa imagem ilustra a reação dos celíacos (pessoas sensíveis ao glúten) ao ler rótulos de alimentos sem glúten. Essas reações indicam que, em geral, os rótulos desses produtos

- a) trazem informações explícitas sobre a presença do glúten.
- b) oferecem várias opções de sabor para esses consumidores.
- c) classificam o produto adequado para o consumidor celíaco.
- d) influenciam o consumo de alimentos especiais para esses consumidores.
- e) variam na forma de apresentação de informações relevantes para esse público.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

## 22

## RESENHA CRÍTICA

- Resenha crítica
- Características da resenha crítica

## HABILIDADES

- Compreender o gênero textual resenha crítica.
- Reconhecer as características da resenha crítica e as práticas sociais do gênero.
- Analisar e estruturar o gênero textual resenha crítica.

Leia o texto abaixo:

← → ↻

☰


### Divertida Mente – Alegria e Tristeza

por Francisco Russo

A Pixar conseguiu, mais uma vez. Ao longo dos anos, o estúdio fez fama graças à capacidade de criar universos bastante criativos a partir de situações inusitadas. Assim foi com *Toy Story* (o mundo dos brinquedos), *Procurando Nemo* (a vida no aquário), *Monstros S.A.* (Boo como ameaça aos monstros) e outros tantos. Após um período de vacas magras, em que até fez sucesso mas sem a mesma originalidade, o estúdio retorna à sua melhor forma em *Divertida Mente*. Nenhum outro filme exibido no Festival de Cannes foi tão aplaudido após a sessão quanto a animação.

O que mais impressiona na longa-metragem é o brilhantismo do roteiro – escrito a seis mãos por Pete Docter, Meg LeFauve e Josh Cooley –, por um grande motivo: desta vez, os conceitos adotados pelo filme são totalmente abstratos. Afinal de contas, a história gira em torno da mente de uma garota, Riley, tendo como grandes protagonistas as cinco emoções responsáveis por conduzir sua vida: Alegria, Tristeza, Raiva, Medo e Nojinho. Cada emoção possui cor e temperamentos próprios, claramente infantilizados para facilitar a compreensão do público menor, mas ainda assim de uma profundidade impressionante. Ou seja, além de desenvolver a personalidade de cada uma delas, a Pixar ainda teve que buscar meios para tornar concreto e viável algo que não é palpável, usando para tanto muita criatividade.

Na verdade, há muito de psicologia em *Divertida Mente*. Vários são os conceitos adaptados nesta grande alegoria emocional, como o porquê de se esquecer fatos antigos de sua vida, o que define sua personalidade, questões do inconsciente, a formação dos sonhos (em uma hilária associação!) e até mesmo depressão. Sim, depressão! Por mais que o mal do século jamais seja citado nominalmente na longa-metragem, ele é claramente apresentado e explicado, dentro do contexto do filme. Mais ainda: *Divertida Mente* evita a vilanização da tristeza e oferece uma mensagem bastante importante sobre como lidar com ela em seu cotidiano, ao invés de afugentá-la a qualquer custo – o que, se for analisar mais à fundo, ainda por cima é uma crítica indireta à indústria de antidepressivos e remédios do tipo, que tentam retrain as emoções para que a vida seja mais “controlável”. Chorar, como o filme tão bem demonstra, às vezes é necessário – e *Divertida Mente* traz momentos em que realmente te leva às lágrimas.



CRÍTICA EMOCIONANTE DE FÃ PARA FÃ

PETE DOCTER/WALT DISNEY PICTURES

DVD

Disney Pixar

Por mais que todas as cinco emoções tenham momentos de brilho, o foco central fica na dupla Alegria e Tristeza, dubladas com maestria por Amy Poehler e Phyllis Smith, respectivamente. Aparentemente antagônicas, elas precisam se unir quando são acidentalmente expelidas da sala de controle e buscam, a todo custo, retornar ao local. É neste momento que a vida de Riley entra em parafuso, já que as três emoções restantes não conseguem manter a normalidade. Por outro lado, Alegria e Tristeza, percorrem toda a estrutura do cérebro humano, revelando analogias impressionantes com a vida real. *Divertida Mente* é repleto de simbolismos muito bem sacados e, por mais que certas situações passem por um claro processo de infantilização, elas são muito menores em relação ao que o filme oferece. Provavelmente, este é um filme que será bem mais apreciado por adultos do que crianças, por mais que os pequenos também tenham condições de se divertir bastante.

No mais, é só aproveitar as diversas situações que levam àquelas gargalhadas gostosas, não apenas pela piada bem-feita mas também pela surpresa que traz e a inteligência com a qual foi concebida. Aqui vão alguns destaques: preste atenção nas capas de jornal que a Raiva volta e meia segura, elas sempre têm a ver com o momento de vida de Riley no melhor estilo de ser do personagem; a sequência de abertura, com o nascimento de Riley, não apenas dimensiona toda a estrutura das emoções como, conceitualmente, remete ao início de *Up: Altas Aventuras* (não por acaso, também dirigido por Pete Docter); repare nos detalhes das ilhas existentes, cada uma delas traz vários símbolos interessantes; se possível, veja em 3D: não propriamente devido ao uso da terceira dimensão, mas por uma brincadeira muito bem inserida relacionada às animações de antigamente; e aproveite as breves esquetes que surgem durante os créditos finais, simplesmente maravilhosas.

Extremamente ousado, *Divertida Mente* é daqueles filmes que se assiste com gosto. Não apenas pelo entretenimento, mas também pelo tanto que lhe oferece em relação à criatividade, nostalgia, emoções e a própria vida. Um dos melhores filmes já feitos pela Pixar, sem sombra de dúvidas.

Filme visto no 68º Festival de Cannes, em maio de 2015.

Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-196960/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: jan. 2019.

Dos textos já vistos com sequências descritivas e argumentativas, quais foram as diferenças que você observou lendo o texto acima sobre o filme *Divertida Mente*? Veja que nele, além da opinião do autor acerca da obra, há um resumo do que o espectador verá, questões técnicas e referências do diretor, dos roteiristas e da Pixar. Esse texto é uma resenha crítica, outro gênero textual relacionado ao jornalismo. Hoje, a resenha crítica é encontrada também em formato de vídeo na internet.

A função comunicativa de uma resenha crítica é resumir e apontar detalhes principais de um livro, um filme, um objeto ou um produto e emitir juízos de valor acerca dele. No exemplo anterior, o autor argumenta o seu posicionamento favorável ao filme, dando ainda dicas para o leitor.

As resenhas são publicadas em jornais, revistas, *blogs*, canais de vídeo na internet e até mesmo nas redes sociais.

## CARACTERÍSTICAS DA RESENHA CRÍTICA

A resenha crítica tem duas características básicas:

- descrição da obra;
- comentários do autor da resenha sobre a obra.

Para uma resenha alcançar sua função comunicativa, ela deve conter as seguintes partes:

- **Introdução**, que contextualiza o que será lido na resenha: de qual obra tratará, quais os objetivos da resenha e qual a relevância sobre o que será dito para o leitor.
- **Resumo da obra**, com ou sem críticas. Caso não tenha críticas, o autor fará somente a descrição das ideias desenvolvidas na obra. Com críticas, o autor apontará as ideias da obra posicionando-se a favor ou contra, colocando citações entre aspas do texto da obra ou das falas de um filme, por exemplo, para situar as referências.

No resumo deve constar também a estrutura da obra. Se for um livro, o autor pode dizer quantos capítulos tem, como são divididos, quais são, qual o mais importante e assim por diante. Caso seja uma obra cinematográfica, deve-se especificar o tipo do filme – animação (como no caso de *Divertida Mente*), drama, suspense, terror, comédia, documentário etc. –, como ocorre a trama, dizer se o tempo é linear ou não e assim por diante.

- **Opinião direta do resenhista**, isto é, um posicionamento que pode responder a algumas questões, como: o que falta nesta obra? Qual o público-alvo? A leitura é fácil ou difícil? A obra tem originalidade? E assim por diante.
- **Dados sobre a produção da obra**. Nome do autor ou diretor, editora ou produtora, nome da obra, ano de publicação, referências bibliográficas ou cinematográficas.

ARCHIVEVECTOR/ISTOCKPHOTO



É muito comum que a avaliação geral do resenhista seja identificada por estrelas em uma escala de zero a cinco.

É possível, também, apontar falhas de edição, erro de sequências, dizer se a linguagem é acessível e abordar questões técnicas no geral. O autor de uma resenha deve ter o conhecimento necessário para fazer as críticas e descrever uma obra.

## LEITURA COMPLEMENTAR

### Respeitar o leitor

O resenhista tem de saber exatamente a que público se destina seu trabalho. Uma resenha acadêmica exige um determinado tipo de texto mais culto e permite citações mais complexas. A jornalística requer um texto mais acessível e o cuidado de situar fatos e pessoas com as devidas explicações para um público não tão enfronhado no assunto.

Como a resenha é um texto breve, uma boa dica é capturar o leitor desde o primeiro parágrafo (ou da primeira frase). O melhor é descobrir algo provocativo, intrigante, que agarre o leitor de cara. As resenhas acadêmicas, contudo, seguem um modelo quase padronizado, de ter um cabeçalho informativo sobre os dados bibliográficos da obra resenhada, depois passam para os dados do autor, seu currículo acadêmico, por exemplo.

Para a resenha não acadêmica, não há tais limites. Identificar algo insólito sobre o texto ou o autor pode ser um modo interessante de começar. Ou falar de um aspecto muito recorrente, como o texto em forma de diário, o filme que conta a história em flashback, ou o CD que revive standards de uma década afastada...

### Equilibrar a síntese

Por ser texto breve, é recomendável usar frases curtas e diretas. Fazer o contrário é dar pijama e travesseiro para o leitor. Não se perca em detalhes demais, porque o espaço é curto. Pense na condição básica: resenha é síntese.

Na estrutura essencial da resenha há certos elementos que não devem faltar. Aonde você irá colocá-los é questão de estilo. Sem desprezar o bom senso. Uma menção ao nome da obra ou do autor, a descrição do conteúdo da obra, a avaliação, a comparação da obra com outras do mesmo autor, tema ou contexto histórico-artístico e uma conclusão que sintetize a opinião de quem escreve. Comparar um filme ou um livro com outros semelhantes ou diferentes pode ser esclarecedor na busca de aspectos originais ou vigorosos daquilo que se resenha.

O estilo do autor é outra pista a ser seguida. Da mesma forma que a maneira de construção dos personagens, a avaliação de que eles serão lembrados ou esquecidos em pouco tempo.

FERRAZ, G. G. Como se faz uma resenha. In: *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Segmento, ano II, n. 19, 2007, p. 38-39.

**ROTEIRO DE AULA****RESENHA CRÍTICA**

**O gênero textual resenha crítica está inserido no domínio**

jornalístico.

---

---

**Seu objetivo é**

resumir, apontar detalhes principais e, principalmente, fazer juízos de valor sobre um livro, um filme, um produto. Ela deve ter

---

a opinião do autor acerca da obra.

---

---

---

**As duas partes essenciais da resenha crítica são**

o resumo da obra e o posicionamento do autor do texto sobre ela.

---

---

**A resenha crítica é veiculada em**

jornais, revistas, *blogs*, canais de vídeos e redes sociais.

---

---



## EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

## 1. Enem

C6-H18

O tema da velhice foi objeto de estudo de brilhantes filósofos ao longo dos tempos. Um dos melhores livros sobre o assunto foi escrito pelo pensador e orador romano Cícero: *A Arte do Envelhecimento*. Cícero nota, primeiramente, que todas as idades têm seus encantos e suas dificuldades. E depois aponta para um paradoxo da humanidade. Todos sonhamos ter uma vida longa, o que significa viver muitos anos. Quando realizamos a meta, em vez de celebrar o feito, nos atiramos a um estado de melancolia e amargura. Ler as palavras de Cícero sobre envelhecimento pode ajudar a aceitar melhor a passagem do tempo.

NOGUEIRA, P. Saúde & Bem-Estar Antienvhecimento. *Época*. 28 abr. 2008

O autor discute problemas relacionados ao envelhecimento, apresentando argumentos que levam a inferir que seu objetivo é

- a) esclarecer que a velhice é inevitável.
- b) contar fatos sobre a arte de envelhecer.
- c) defender a ideia de que a velhice é desagradável.
- d) influenciar o leitor para que lute contra o envelhecimento.
- e) mostrar às pessoas que é possível aceitar, sem angústia, o envelhecimento.

O nome da obra que o autor faz referência como base para seu argumento é *A arte do envelhecimento*, a fim de ressaltar que além de inevitável, a velhice deve ser aceita como curso natural da vida e que é possível aceitá-la sem angústia.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

## 2. Uerj

**Crítica:** *O dia em que a Terra parou*

O remake *O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. O primeiro *O dia em que a Terra parou*, dirigido por Robert Wise, rodado em 1951, foi um apelo ao fim da Guerra Fria. O recente, dirigido por Scott Derrickson, um apelo ao desmatamento, guerras insanas, violência e etc. O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates. Relevante no aspecto “conscientização”, mas infantil em outros. Os efeitos especiais são incríveis, e o gigante robô biológico Gort, que acompanha o alienígena Klaatu, mesmo sem pronunciar palavra e ficando estático quase todo o tempo, dá um *show*. O pequeno Jaden Smith, filho do ator Will Smith, fez boa interpretação, e tenho certeza do promissor sucesso. Mas, como apaixonado por FC [ficção científica], sou suspeito pra falar deste gênero. Confesso que, em “longos” momentos, o filme foi parado: sem ação alguma. Já no termo da lógica: se realmente existirem alienígenas, será que se preocupariam com o nosso planeta? Por quê? Acredito que não. O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e físico teórico Stephen Hawking. Por que se interessariam em salvar justamente o nosso?

No filme, o alienígena Klaatu, diferente do que parece, não tem boas intenções com os seres humanos. Sua única

intenção é salvar o planeta Terra de nós, que o estamos destruindo aos poucos, o que não deixa de ser verdade.

Interessante, com menos ação e violência que *Guerra dos Mundos*, mas igualmente impactante. Recomendado.

PASCALE, Ademir. Disponível em: <[www.cranik.com](http://www.cranik.com)>.

O texto oferece ao leitor informações sobre o filme filtradas pelo autor e somadas às suas avaliações pessoais. Esse recurso linguístico, próprio das resenhas, está mais bem exemplificado em:

- a) O remake *O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica.
- b) O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates.
- c) Mas, como apaixonado por FC [ficção científica], sou suspeito pra falar deste gênero.
- d) O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e físico teórico Stephen Hawking.

A alternativa expressa informações sobre o filme como ator e orçamento, e a opinião pessoal do autor, que afirma que o filme é “um prato cheio para os aficionados da ficção científica”.

## 3. UFG-GO

## Texto I



LAURENT CANTET

Disponível em: <<http://filoeduc.blogspot.com>>. Acesso em: 3 dez. 2018.

## Texto II

## Conselho de classe

*Vencedor de Cannes*, *Entre os muros da escola*, retrata cotidiano de estudantes franceses

Em uma escola francesa, na periferia de Paris, reúnem-se jovens de origens, etnias, religiões e hábitos muito diferentes. Como Wei, imigrante chinês estudioso e fã de games;

Souleymane, filho de imigrantes malineses desinteressado nas aulas, mas com um talento secreto para a fotografia; e Esmeralda, a garota rebelde que só usa gírias durante a classe, mas lê Platão nas horas vagas. Com o giz na mão e a árdua tarefa de atrair a atenção e ensinar francês aos garotos está o professor François Marin, dedicado e apaixonado pelo ofício, mas visivelmente frustrado com a dificuldade de lidar com a falta de interesse da turma. É em torno da relação conflituosa criada na sala de aula que gira o filme de Laurent Cantet.

Os alunos de Marin são uma espécie de síntese da França atual. Filhos de imigrantes asiáticos, árabes e africanos, não se reconhecem nem como franceses nem como estrangeiros e transitam numa espécie de limbo de identidade. Do outro lado, os professores também não sabem como reagir à apatia e à falta de disciplina dos alunos. E enquanto o assunto é discutido exaustivamente em reuniões a portas fechadas, a escalada da violência na sala de aula aumenta.

Vencedor da Palma de Ouro em Cannes no ano passado, o filme é baseado no livro homônimo de François Bégaudeau – que também vive o protagonista do filme e assina o roteiro – sobre sua experiência como professor em Paris.

Apesar de ser uma ficção, a fita tem um tom documental. Com fotografia discreta e sem trilha sonora, toda a ação se passa dentro da escola.

Os personagens são interpretados por alunos e professores da escola onde foi feita a filmagem.

Para ter mais agilidade, Cantet optou pelo uso de câmeras digitais, que registraram minuciosamente gestos e expressões dos garotos.

Partindo de um roteiro inicial genérico, as cenas e os diálogos foram ganhando forma ao longo desse processo, com a participação dos adolescentes e dos professores.

FOLHA DE S.PAULO, Folhateen, Cinema, São Paulo, 9 mar. 2009, p. 3. Adaptado.

Segundo a resenha (texto II), a principal ideia defendida pelo filme *Entre os muros da escola* parte do argumento de que

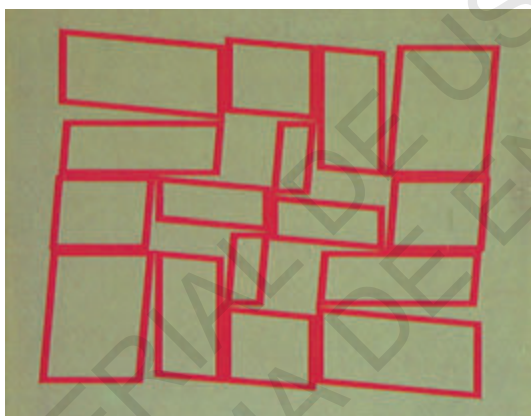
- a) a comunidade francesa aceita as diferenças culturais advindas da constante imigração afro-asiática.
- b) o professor promove a igualdade social em sala de aula ao romper com o abuso de poder.
- c) o debate ideológico entre professor e alunos favorece o amadurecimento social dos adolescentes.
- d) a diversidade multiétnica intensifica a integração sociopolítica dos indivíduos de um país.
- e) a existência de conflitos interculturais abala os alicerces da identidade francesa.

De acordo com a resenha, o filme retrata a vida em uma escola francesa onde há alunos de diferentes culturas e etnias, que acabam não se reconhecendo, nem como franceses, nem como migrantes.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

### 4. Enem

#### Texto I



OITICICA, Hélio. *Metaesquema*, 1988. Guache sobre cartão. 52 cm × 64 cm. Museu de Arte Contemporânea – MAC/USP.

#### Texto II

##### Metaesquema I

Alguns artistas remobilizam as linguagens geométricas no sentido de permitir que o apreciador participe da obra de forma mais efetiva. Nesta obra, como o próprio nome define: meta – dimensão virtual de movimento, tempo e espaço; esquema – estruturas, os *Metaesquemas* são estruturas que parecem movimentar-se no espaço. Esse trabalho mostra o deslocamento de figuras geométricas simples dentro de um campo limitado: a superfície do papel. A isso podemos somar a observação da precisão na divisão e no espaçamento entre as figuras, mostrando que, além de transgressor e muito radical, Oiticica também era um artista extremamente rigoroso com a técnica.

Disponível em: <www.mac.usp.br>. Acesso em: 2 maio 2010.

Adaptado.

C4-H12

Alguns artistas remobilizam as linguagens geométricas no sentido de permitir que o apreciador participe da obra de forma mais efetiva. Levando-se em consideração o texto e a obra *Metaesquema 1*, reproduzidos acima, verifica-se que

- a) a obra confirma a visão do texto quanto à ideia de estruturas que parecem se movimentar, no campo limitado do papel, procurando envolver de maneira mais efetiva o olhar do observador.
- b) a falta de exatidão no espaçamento entre as figuras (retângulos) mostra a falta de rigor da técnica empregada, dando a obra um estilo apenas decorativo.
- c) *Metaesquema I* é uma obra criada pelo artista para alegrar o dia a dia, ou seja, de caráter utilitário.
- d) a obra representa a realidade visível, ou seja, espelha o mundo de forma concreta.
- e) a visão da representação das figuras geométricas é rígida, propondo uma arte figurativa.

### 5. Enem

C6-H18

Em *Touro Indomável*, que a cinemateca lança nesta semana nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a dor maior e a verdadeira vêm dos demônios de La Motta – que fizeram dele tanto um astro no ringue como um homem fadado à destruição. Dirigida como um senso vertiginoso do destino de seu personagem, essa obra-prima de Martin Scorsese é daqueles filmes que falam à perfeição de seu tema (o boxe) para então transcende-lo e tratar do que importa: aquilo que faz dos seres humanos apenas isso mesmo, humanos e tremendamente imperfeitos.

Revista Veja. 18. fev. 2009. Adaptado.

Ao escolher este gênero textual, o produtor do texto objetivou

- a) construir uma apreciação irônica do filme.
- b) evidenciar argumentos contrários ao filme de Scorsese.
- c) elaborar uma narrativa com descrição de tipos literários.

- d) apresentar ao leitor um painel da obra e se posicionar criticamente.
- e) afirmar que o filme transcende o seu objetivo inicial e, por isso, perde sua qualidade.

**6. Sistema Dom Bosco** – Escreva uma resenha crítica de um filme a sua escolha. Ela deve conter um título, no mínimo 20 linhas e no máximo 30. A produção deve ser feita em linguagem formal e apresentar as partes obrigatórias de composição do gênero textual.

**7. Unicamp-SP** – Você é um estudante universitário que participará de um concurso de resenhas, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de estimular a leitura de obras literárias e ampliar o horizonte cultural dos estudantes. A resenha será lida por uma comissão julgadora que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados. Você escolheu resenhar a fábula de La Fontaine transcrita abaixo. Em seu texto, você deverá incluir:

- a) uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
- b) a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
- c) um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em **linguagem formal**, deverá indicar **o título da obra** e ser assinado com um **pseudônimo**.

#### A Deliberação Tomada pelos Ratos

Rodilardo, gato voraz,  
aprontou entre os ratos tal matança,  
que deu cabo de sua paz,  
de tantos que matava e guardava na pança.  
Os poucos que sobraram não se aventuravam  
a sair dos buracos: mal se alimentavam.  
Para eles, Rodilardo era mais que um gato:  
era o próprio Satã, de fato.

Um dia em que, pelos telhados,  
foi o galante namorar,  
aproveitando a trégua, os ratos, assustados,  
resolveram confabular  
e discutir um modo de solucionar  
esse grave problema. O decano, prudente,  
definiu a questão: simples falta de aviso,  
já que o gato chegava, solerte. Era urgente  
amarrar-lhe ao pescoço um guizo,  
concluiu o decano, rato de juízo.  
Acharam a ideia excelente,  
e aplaudiram seu autor. Restava, todavia,  
um pequeno detalhe a ser solucionado:  
quem prenderia o guizo – e qual se atreveria?  
Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado;  
Outro alegou que andava um tanto destreinado  
em dar laços e nós. E a bela ideia  
teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide –  
Mesmo sendo de frades  
ou de veneráveis abades...  
Deliberar, deliberar ...  
conselheiros, existem vários;  
mas quando é para executar,  
onde estarão os voluntários?

LA FONTAINE. *Fábulas de La Fontaine*. Tradução de Milton Amado e Eugênia Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003, p. 134-136.

#### Glossário

abade: superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.  
frade: indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.  
decano: o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação, etc.  
guizo: pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som tilintante.  
solerte: engenhoso, esperto, sagaz, artiloso, arguto, astucioso.

## ESTUDO PARA O ENEM

### 8. Enem

C6-H18

A trajetória de Liesel Meminger é contada por uma narradora mórbida, surpreendentemente simpática. Ao perceber que a pequena ladra de livros lhe escapa, a Morte afeição-se à menina e rastreia suas pegadas de 1939 a 1943. Traços de uma sobrevivente: a mãe comunista, perseguida pelo nazismo, envia Liesel e o irmão para o subúrbio pobre de uma cidade alemã, onde um casal se dispõe a adotá-los por dinheiro. O garoto morre no trajeto e é enterrado por um coveiro que deixa cair um livro na neve. É o primeiro de uma série que a menina vai surrupiar ao longo dos anos. O único vínculo com a família é esta obra, que ela ainda não sabe ler.

A vida ao redor é a pseudorealidade criada em torno do culto a Hitler na Segunda Guerra. Ela assiste à eufórica celebração do aniversário do Führer pela vizinhança. A Morte, perplexa diante da violência humana, dá um tom leve e divertido à narrativa deste duro confronto entre a in-

fância perdida e a crueldade do mundo adulto, um sucesso absoluto – e raro – de crítica e público.

Disponível em: <[www.odevoradordelivros.com](http://www.odevoradordelivros.com)>.  
Acesso em: 24 jun. 2014

Os gêneros textuais podem ser caracterizados, dentre outros fatores, por seus objetivos. Esse fragmento é um(a)

- a) reportagem, pois busca convencer o interlocutor da tese defendida ao longo do texto.
- b) resumo, pois promove o contato rápido do leitor com uma informação desconhecida.
- c) sinopse, pois sintetiza as informações relevantes de uma obra de modo impessoal.
- d) instrução, pois ensina algo por meio de explicações sobre uma obra específica.
- e) resenha, pois apresenta uma produção intelectual de forma crítica.

## EXERCÍCIOS INTERDISCIPLINARES

## 9. Enem

C6-H20

## O léxico e a cultura

Potencialmente, todas as línguas de todos os tempos podem candidatar-se a expressar qualquer conteúdo. A pesquisa linguística do século XX demonstrou que não há diferença qualitativa entre os idiomas do mundo – ou seja, não há idiomas gramaticalmente mais primitivos ou mais desenvolvidos. Entretanto, para que possa ser efetivamente utilizada, essa igualdade potencial precisa realizar-se na prática histórica do idioma, o que nem sempre acontece. Teoricamente, uma língua com pouca tradição escrita (como as línguas indígenas brasileiras) ou uma língua já extinta (como o latim ou o grego clássicos) podem ser empregadas para falar sobre qualquer assunto, como, digamos, física quântica ou biologia molecular. Na prática, contudo, não é possível, de uma hora para outra, expressar tais conteúdos em camaiurá ou latim, simplesmente porque não haveria vocabulário próprio para esses conteúdos. É perfeitamente possível desenvolver esse vocabulário específico, seja por meio de empréstimos de outras línguas, seja por meio da criação de novos termos na língua em questão, mas tal tarefa não se realizaria em pouco tempo nem com pouco esforço.

BEARZOTI FILHO, Paulo. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Manual do professor. Curitiba: Positivo, 2004.

Estudos contemporâneos mostram que cada língua possui sua própria complexidade e dinâmica de funcionamento. O texto ressalta essa dinâmica, na medida em que enfatiza

- a) a inexistência de conteúdo comum a todas as línguas, pois o léxico contempla visão de mundo particular específica de uma cultura.
- b) a existência de línguas limitadas por não permitirem ao falante nativo se comunicar perfeitamente a respeito de qualquer conteúdo.
- c) a tendência a serem mais restritos o vocabulário e a gramática de línguas indígenas, se comparados com outras línguas de origem europeia.
- d) a existência de diferenças vocabulares entre os idiomas, especificidades relacionadas à própria cultura dos falantes de uma comunidade.
- e) a atribuição de maior importância sociocultural às línguas contemporâneas, pois permitem que sejam abordadas quaisquer temáticas, sem dificuldades.

## 10. Enem

C8-H25

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a::... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...

A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. *Projeto Fala Goiana*. UFG, 2010.

Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é

- a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas.
- b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português.
- c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical.
- d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados.
- e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

## 11. Enem

C6-H19

## Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.

CARNEIRO, João Emanuel. *Veja*, 11 set. 2002.

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com o predomínio, entretanto, de uma sobre outras. No fragmento da crônica Desabafo, a função da linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:

- a) o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.
- b) a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.
- c) o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.
- d) o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.
- e) o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.



MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



# RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



## APRESENTAÇÃO

### PRODUÇÃO DE TEXTO

O trabalho da produção de texto não se limita a propostas de redação desvinculadas da prática social, embora priorize textos argumentativos e expositivos. Os módulos contribuem para o domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa e a escolha de registro. Capacita o aluno a compreender as propostas de redação de diversos concursos vestibulares e a aplicar, com propriedade, os conceitos das áreas de conhecimento para desenvolver o tema abordado com uso de argumentação consistente e intervenção detalhada, articulada com a discussão desenvolvida no(s) texto(s) motivador(es), aplicando repertório diversificado de recursos coesivos. O conteúdo, teoricamente embasado na linguística textual, e os exercícios, que formalizam em prática os tópicos abordados ao longo da teoria, correspondem ao que é cobrado em qualquer vestibular do país e sobretudo no Enem.

## CONTEÚDO

### PRODUÇÃO DE TEXTO

Volume	Módulo	Conteúdo
3	17	Relação de ideias
	18	Fato <i>versus</i> opinião
	19	Emprego de dados
	20	Conclusão do texto dissertativo-argumentativo
	21	Comentário
	22	Resenha crítica

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

### Comentários sobre o módulo

Para que um texto tenha textualidade é necessário que seja coerente e coeso, e, assim, ele relacionará as ideias apontadas. Muitas pessoas não sabem diferenciar esses dois conceitos; dessa forma, é de extrema importância que, durante a explanação, a coerência seja debatida e exemplificada, com argumentos contraditórios, sem progressões, e assim por diante. Da mesma forma, em se tratando de coesão é necessário que se destaque as estruturas lógico-gramaticais dentro dos argumentos e ideias apresentados.

### Para ir além

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras – coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios)

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2013.

VAL, Maria das Graças Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

### Exercícios propostos

#### 4. B

Somente a alternativa B denota o sentido dado pela expressão “Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal”, trazendo a relação semântica de temporalidade.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

5. Sugestão de resposta – As palavras apresentadas, esse, este e aquela, são pronomes demonstrativos e têm função referencial para a coesão do texto, isto é, servem para aquilo que já foi apresentado (anáfora) e aquilo que será apresentado (catáfora). No trecho apresentado, o “esse” refere-se ao ano de 1893, o “este” refere-se ao gênero da residência e “aquela” retoma a informação sobre a casa de pensão no Catete.

6. **Comentário da proposta** – A proposta para a redação traz uma reflexão na qual podem haver dois posicionamentos: sim, é desejável e possível limitar o poder do dinheiro, ou não, não é possível.

Caso o aluno opte pelo primeiro ponto de vista, cabe ressaltar todas as mazelas e perdas que a humanidade sofre com o domínio do mercado e o poder do dinheiro. Pode-se citar questões básicas e de direito para todos os seres humanos, por exemplo, a educação, que vem sendo cada vez mais desigual por conta da mercantilização, e o investimento deveria ser equilibrado para todos. A distribuição de renda seria a saída para frear e limitar o poder do dinheiro.

Caso o aluno opte pelo segundo posicionamento, cabe a ele expressar o porquê de não ser desejável nem possível a limitação do poder do dinheiro, utilizando, por exemplo, como argumento a “ditadura do lucro” e a irreversibilidade do sistema capitalista.

7. **Comentário da proposta** – Para o desenvolvimento do texto, o aluno pode reconhecer que educar não é uma tarefa exclusiva de pais biológicos, e, sim, um exercício de adultos que expressem seu desejo e sua responsabilidade de oferecer à criança boas condições para seu desenvolvimento saudável e com felicidade. Nisso seria implícita a colocação de limites. Nesse caso, entram os casos de mães solós, pais divorciados, casais homossexuais e quaisquer outros perfis de famílias que assumiriam os riscos da educação de uma criança da mesma forma que um casal heteronormativo e casado, por exemplo. Cabe também ressaltar que muitas tentativas de manter um casamento apenas para a “felicidade” da criança, causando um ambiente de brigas e desconfortos, podem muitas vezes prejudicar a educação de uma criança, e até mesmo negligenciar sua saúde mental e física.

#### 8. E

O verbo “fizesse” na forma verbal em que está empregado tem seu sujeito oculto, pois faz referência à “grippe”, que em francês significa agarrar. Caso essa sentença fosse reescrita sem o sujeito oculto, ficaria: “Supõe-se que o vocábulo *grippe* fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado”.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

## 18 FATO VERSUS OPINIÃO

### Comentários sobre o módulo

Um dos maiores desafios no campo da argumentação é aprofundar e embasar as informações para a construção do senso crítico. Promova debates sobre as questões apresentadas e desenvolva com os alunos os conceitos de fato e opinião, por meio de textos de diferentes fontes, como artigos de opinião e notícias de jornais. Durante os debates, é importante que os alunos respeitem os turnos de fala, de modo que cada um deles possa desenvolver seus argumentos.

### Para ir além

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Brasil: Zahar, 2001.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar; CLETO, Ciley. *Interpretação de textos: construindo competências e habilidades em leitura*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2012.

FREITAS, Ananias José de; PIRES, Terezinha Maria de C. Cruz. Produção da opinião jornalística na berlinda. *Libero*. São Paulo. v. 12, n. 23, p. 129-141, jun. 2009.

KOBS, Verônica Daniel. Fato, opinião e tipos de discurso. *Interpretação de texto*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Daniele de. A mídia e a manipulação da opinião: um casamento amigável?. In: *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*. Pouso Alegre. v. 1, n. 1, jul. 2010.

### Exercícios propostos

#### 4. C

O texto apresentado ressalta as transformações estéticas que ocorreram em Dubai que culminaram na alteração da paisagem local, como a construção dos maiores edifícios do Oriente Médio.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

**5. Comentário da proposta** – Espera-se que o aluno redija uma carta expondo sua opinião sobre a matéria lida de forma curta e objetiva, propondo acréscimo de ideia sobre o tema.

#### 6. C

Não à toa a palavra *pós-verdade* foi escolhida pelo Oxford Dictionaries, departamento da Universidade de Oxford responsável pela publicação dos dicionários Oxford, como palavra de 2016, uma vez que se refere à construção e circulação de fatos e notícias em que a verdade é de importância secundária. Como aponta o texto, os disseminadores da pós-verdade “antecipam” por meio da enunciação o que gostariam que ocorresse de fato, fazendo que a maior difusão, engajamento e circulação crie o que a autora chama de “efeito de verdade”.

**7. Comentário da proposta** – Seguindo as instruções dadas para a produção da resenha, o aluno deverá citar de forma sintética o enredo, personagens, tempo, espaço e ensino moral da fábula; desenvolver uma situação social análoga à abordada na fábula, como por exemplo a falta da ação efetiva de pessoas que se manifestam contra um político, mas que não vão além alegando que estão ocupados ou que não tem preparo para tal; e por fim um desfecho que faça conexão com a fábula e a situação social apontada na instrução anterior.

### Estudo para o Enem

#### 8. B

Ambos os textos abordam o assunto de doação de órgãos, logo, a imagem e a notícia se complementam.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

## 19 EMPREGO DE DADOS

### Comentários sobre o módulo

A estruturação do pensamento crítico, assim como a utilização de dados, requer treino, análise e discussão. Aproveite este módulo para esquematizar, de acordo com os conceitos dados, as argumentações apresentadas pela turma.

### Para ir além

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar*: gerenciando razão e emoção. Cotia: Ateliê, 2006.

BERNARDO, Gustavo. *Educação pelo argumento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2012.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOULMIN, Stephen. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WESTON, Anthony. *A construção do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

### Exercícios propostos

4. B

A palavra “meio” que vem primeiro na frase tem o sentido de “mais ou menos”, então é classificada como advérbio, diferente do segundo “meio”, que desempenha a função de numeral, “metade”. Já

a palavra “depois” também é de um advérbio, pois indica tempo.

5. C

A palavra “concomitantemente” significa “que acontece ao mesmo tempo que outra coisa”, e um sinônimo é “simultaneamente”. Então, trata-se de um advérbio de tempo.

6. E

Os filósofos discordam sobre a importância dos sentidos serem bases para a geração de ideias. Hume segue a linha do empirismo, que concorda que os sentidos e a experiência constroem o conhecimento do ser humano.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

**7. Comentário de proposta** – Após as estruturações e debates em sala, o aluno deverá construir uma tese para defendê-la com base no tema apresentado. Os dados e argumentos apresentados deverão corresponder ao padrão de argumentos para que se crie coerência e persuasão no texto.

### Estudo para o Enem

8. D

O autor argumenta que não é somente a leitura e a escrita que garantem a cidadania da população, mas sim a ruptura com o ciclo da pobreza. Assim, ele faz uma avaliação crítica a respeito da condição da cidadania do brasileiro.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.



## 20 CONCLUSÃO DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

### Comentários sobre o módulo

Finalizar uma argumentação de forma coerente é imprescindível para uma boa dissertação. Retome o padrão de argumento visto no capítulo anterior e construa com a classe estruturas de conclusão de texto dissertativo.

### Para ir além

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. São Paulo: Ática, 2011.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios)

CHOCIAY, Rogério. *Redação no vestibular da Unesp: a dissertação*. São Paulo: Cultura Acadêmica/Fundação Unesp, 2008.

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto*. São Paulo: Geração, 2012.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2012.

PACHECO, Agnelo de Carvalho. *A dissertação: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1988.

PIGNATARI, Nínive. *Como escrever textos dissertativos*. São Paulo: Ática, 2000.

SALVADOR, Arlete. *Como escrever para o Enem*. São Paulo: Contexto, 2013.

SAYEG-SIQUEIRA, João Hilton. *Organização do texto dissertativo*. São Paulo: Selinunte, 1990.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. São Paulo: Globo, 1991.

SQUARISI, Dad; CURTO, Célia. *Redação para concursos e vestibulares*. São Paulo: Contexto, 2012.

VIANA, Antonio Carlos. *Guia de redação: escreva melhor*. São Paulo: Scipione, 2011.

\_\_\_\_\_. *Roteiro de redação: lendo e argumentando*. São Paulo: Scipione, 2006.

### Exercícios propostos

4. D

A estratégia de argumentação utilizada neste texto se dá na contraposição entre a expectativa de realizar o desejo e o não acontecimento do mesmo.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

5. D

O texto diz que a ferramenta tem a capacidade de encontrar trechos contínuos e fragmentados. Esta localização ocorre porque um texto é considerado uma “sequência de palavras” possibilitando a “comparação de padrões estruturais”.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

6. A

A informação é encontrada no texto no fim do segundo parágrafo.

**7. Comentário da proposta** – É pedido o posicionamento do aluno perante a Lei da Anistia. A coletânea traz dois pontos de vista: um deles diz que a lei é irrevogável; e o outro pede a reabertura da investigação de crimes cometidos por agentes e autoridades no período da ditadura militar no Brasil que nunca foram julgados. Cabe ao aluno dissertar partindo de um desses pontos de vista e trazer informações como, por exemplo – caso seja favorável à revisão –, o fato de o Brasil ser signatário da Convenção Interamericana de Direitos Humanos (Pacto de San José de Costa Rica), no qual se prevê o julgamento daqueles que violaram os direitos humanos – e nesses documentos não há anistia para crimes contra a humanidade. Caso seja contra a revisão da lei, o aluno deverá corroborar a decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que julgou a lei da anistia como irrevogável.

### Estudo para o Enem

**8. Comentário da proposta** – É necessário que o aluno, com base na sua vivência, no que tem sido discutido na mídia e nas notícias correlacionadas, disserte sobre a manipulação da opinião da população com base em dados captados e controlados na internet. Vale argumentar, por exemplo, a manipulação para fins comerciais, pela qual empresas conseguem, por meio de algoritmos, lançar seus produtos e serviços de acordo com os interesses do usuário na internet. Outro caso que pode ser citado é o da eleição de Donald Trump, na qual o Facebook foi investigado por vazar dados que direcionavam agências de *marketing* digital a enviar conteúdo programado aos perfis coletados, além das *fake news*. A proposta

pede não somente a exposição desses fatos argumentados, mas também possíveis intervenções para mudar essa realidade. Aqui, é possível citar o Marco Civil da Internet e os mecanismos que visam fazer valer a legislação de proteção dos dados dos usuários, como o aumento de delegacias para crimes digitais; profissionais que estejam capacitados e autorizados a fiscalizar empresas e órgãos que se beneficiam de forma não autorizada dessas informações. Cabe, também, propor

a educação e formação crítica dos usuários para diferenciar o que é verídico do que não é na internet, diminuindo assim os compartilhamentos de ideias sem fundamento.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H22** – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

## 21 COMENTÁRIO

### Comentários sobre o módulo

Com o uso das redes sociais, o gênero comentário tornou-se um dos mais usados no dia a dia, especialmente entre alunos. Neste módulo, apresentamos recursos textuais relacionados a tal gênero.

### Para ir além

BERTUCCI, Roberlei Alves; NUNES, Paula Ávila. In-teração em rede social: das reações às características do gênero comentário. *Domínios de Linguagem*. v. 11, n. 2, 2017, p. 313-338 (26). Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/domíniosdelinguagem/article/view/36921>.

BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. Bauru: EDUSC, 2003.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionários de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria Benetti. *Leitura e produção textual I: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis: Vozes, 2010.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. *O internetês na escola*. São Paulo: Cortez, 2018.

SAYEG-SIQUEIRA, João Hilton. *Organização do texto dissertativo*. São Paulo: Selinunte, 1990.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

### Exercícios propostos

#### 4. A

O editorial é um gênero de tipologia textual argumentativa, uma vez que o objetivo do autor é defender o posicionamento do veículo a respeito de certo tema. Para isso, o autor do editorial precisa convencer o leitor com base em estratégias argumentativas que contribuam para a aceitação do ponto de vista apresentado. No caso do texto em questão, o diretor de redação especificou o debate sobre intolerância alimentar, apresentando relatos pessoais, a partir do emprego de linguagem informal, de modo a gerar mais empatia no leitor, o que pode facilitar o convencimento.

**Competência de área 7** – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

**H24** – Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento

do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.

#### 5. D

Não há solidez na estabilidade bancária após a crise mundial de 2008 por vários fatores, como entrada de novos participantes no sistema bancário, inovações tecnológicas e competições geopolíticas. Os países ricos que foram afetados pela crise também não se reestabeleceram plenamente, com crescimentos de renda menores aos de 2008, antes da crise.

#### 6. A

O Twitter foi utilizado como veículo para divulgação desta propaganda pois ele tem limite predeterminado de extensão dos tweets (ou posts) e o concurso inseriu limitação de caracteres.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

**7. Comentário de proposta** – Trata-se de uma proposta em que, além de solicitado o posicionamento dos candidatos, é requerida a análise dos dados apresentados. Inicialmente, para contemplar o que se solicita em b), é necessário que os estudantes executem o que se solicita em a), percebendo relativa estabilidade dos dados apresentados em relação aos itens K – Ter uma carreira, uma profissão, um emprego – e D – Beleza física/ Ser bonito –, comentando que tais valores não se alteraram com mudança de gerações. Os itens B – Divertir-se, aproveitar a vida – e F – Ter independência financeira/ Ter mais dinheiro do que já tem –, em contrapartida, apresentaram maior variação, indicando mudança de postura de diferentes gerações em relação à independência financeira e à diversão. Após esse passo, é necessária a elaboração do comentário, indicando reconhecimento ou não dos alunos em relação à manutenção e à alteração dos valores destacados. Para isso, o aluno precisa ativar recursos argumentativos, de modo a defender seu posicionamento em relação aos dados apresentados no dossiê.

## Estudo para o Enem

### 8. E

Indicam que no geral os rótulos de produtos para celíacos ou que não contém glúten, não são padronizados, muitas vezes faltando informações importantes para os consumidores. Na postagem, cada uma das reações é representada por um emoji diferente.

**Competência de área 1** – Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

**H1** – Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

## 22 RESENHA CRÍTICA

### Comentários sobre o módulo

Neste módulo apresentamos os elementos que constituem o gênero resenha, que é largamente usado para tratar de síntese de livros, filmes etc. Espera-se que o aluno perceba a presença do senso crítico/opinião nesse tipo de texto, para que o produza de forma adequada.

### Para ir além

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. São Paulo: Ática, 2011.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios)

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2012.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.); LOUSADA, Eliane Gouvêa; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. São Paulo: Globo, 1991.

VIANA, Antonio Carlos. *Guia de redação: escreva melhor*. São Paulo: Scipione, 2011.

### Exercícios propostos

4. A

De acordo com a resenha apresentada, a obra, de fato, dá a sensação de que as estruturas geométricas estão se movimentando dentro do campo limitado, mostrando rigor na técnica.

**C4** – Compreender a Arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

**H12** – Reconhecer diferentes funções da Arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.

5. D

O autor faz um resumo da obra *Touro indomável* e expõe sua opinião, por exemplo nas falas “dirigida com senso vertiginoso”, “essa obra-prima de Martin Scorsese é daqueles filmes que falam à perfeição de seu tema”, construções próprias das resenhas críticas.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens

como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

**6. Comentário de proposta** – A resenha crítica é formada por uma introdução, um resumo da obra e o posicionamento do autor perante a obra resenhada. É esperado que o aluno se atenha aos detalhes que julgue mais importantes para basear suas críticas.

**7. Comentário de proposta** – Para a produção desta resenha, o aluno deverá se atentar às instruções de fazer uma síntese da fábula escolhida, detalhando o enredo, personagens, espaço, tempo, moral da história; elaborar uma situação que pode-se comparar à situação na fábula, por exemplo, um grupo de pessoas que reclamam, mas não agem; fazer um fechamento inserindo o posicionamento perante a obra e relacioná-la com a situação análoga exposta.

### Estudo para o Enem

8. E

O texto apresentado é uma resenha crítica da obra *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak. Nele, há uma descrição da obra somada às opiniões pessoais do autor.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H18** – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

### Exercícios interdisciplinares

9. D

De acordo com o texto, cada língua possui a sua própria complexidade e dinâmica de funcionamento. Esse desenvolvimento pode ocorrer tanto “por meio de empréstimos linguísticos, quanto por meio da criação de novos termos na língua em questão”. Isso significa que a cultura de uma



comunidade é fundamental na formação de uma língua, pois cria suas especificidades.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H20** – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

**10. A**

O texto apresenta características da oralidade (língua falada). Logo, um aspecto da composição estrutural é o predomínio da linguagem informal com interrupções (entrecortadas) por pausas. A opção A expressa essa afirmação.

**Competência de área 8** – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

**H25** – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

**11. B**

Como mostra a opção B, a atitude do enunciatador se sobrepõe àquilo que está sendo dito. No fragmento da crônica Desabafo, percebemos a função emotiva ou expressiva da linguagem, pois o foco recai sobre o estado de espírito do enunciatador, com usos de verbos na primeira pessoa do singular, como por exemplo, “estou nervoso”.

**Competência de área 6** – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

**H19** – Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO  
SISTEMA DE ENSINO DOMBOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

Lined writing area consisting of 30 horizontal lines.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO  
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



Pearson

PRÉ-VESTIBULAR  
**EXTENSIVO**

3

